



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**CLEYDSON ANDERSON PEREIRA DA SILVA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO “*ENGLISH VIBES FOR  
BRAZILIAN LEARNERS*”**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2024**

CLEYDSON ANDERSON PEREIRA DA SILVA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO “*ENGLISH VIBES FOR  
BRAZILIAN LEARNERS*”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Língua Inglesa.

**Área de Concentração:** Linguística Aplicada.

**Orientadora:** Profa. Ma. Patrícia Silva de Medeiros

**Coorientador:** Prof. Me. Rivaldo Ferreira da Silva

**CAMPINA GRANDE - PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Cleydson Anderson Pereira da.  
A variação linguística no livro didático "English vibes for brazilian learners" [manuscrito] / Cleydson Anderson Pereira da Silva. - 2024.  
60 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Ma. Patrícia Silva de Medeiros, Coordenação do Curso de Letras Inglês - FALLA".

"Coorientação: Prof. Me. Rivaldo Ferreira da Silva, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE".

1. Linguística. 2. Livro didático. 3. Ensino de língua inglesa.  
I. Título

21. ed. CDD 372.652 1

CLEYDSON ANDERSON PEREIRA DA SILVA


A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO “ENGLISH VIBES FOR  
BRAZILIAN LEARNERS”

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado à Coordenação  
do Curso de Letras Inglês da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduado em Letras Língua Inglesa.

Área de Concentração: Linguística  
Aplicada.

Aprovado em: 19/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



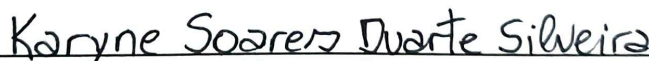
---

Prof. Ma. Patrícia Silva de Medeiros (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Rivaldo Ferreira da Silva (Coorientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Karyne Soares Duarte Silveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Giovane Alves de Souza  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe, Damiana, pelo esforço e por todo o apoio que me forneceu e continua a fornecer. Sem ela eu não teria a educação que tenho, e tampouco teria tido a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço aos professores Giovane Alves, Karyne Soares, Rivaldo Ferreira, Jéssica Thaiany, Ana Beatriz, Thiago Almeida, Gabriel Cordeiro, Daniela Nóbrega, Viviane Alves, Aurielle Gomes, Pedro Paulo e Valécio Irineu, por terem contribuído imensuravelmente para a minha formação como indivíduo, acadêmica e profissional ao longo desses quatro anos de curso.

Agradeço principalmente a Giovane Alves, que além de professor, tem sido um excelente amigo com quem tanto aprendi e aprendo a cada dia.

Agradeço à professora Karyne Soares, que me inspirou e me concedeu reflexões riquíssimas sobre meu ofício e sobre mim mesmo.

Agradeço unicamente a Rivaldo Ferreira, que tanto me auxiliou e me guiou nesse processo de escrita, desde a disciplina de Pesquisa Aplicada.

Agradeço à professora Patrícia Medeiros, que se disponibilizou a ser a orientadora da minha pesquisa, me fornecendo suporte e direcionamento.

Agradeço aos meus colegas e amigos Marcelo Oliveira, Rayane Felix, Elysama Oliveira, Mateus Ezequiel, Joyce Farias, Elison Ascendino, Paulo Ricardo, Maria Clara, Maria Vitória, Gabriela Souza e João Batista, por terem feito com que a minha graduação e as minhas experiências fossem mais completas. Aprendi muito com todos!

Agradeço aos amigos e colegas que fiz em Campina Grande. Saibam que carregarei de todos muitos aprendizados e experiências incríveis.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha tríplice formação!

*“Words belong to nobody, and in themselves they evaluate nothing. But they can serve any speaker and be used for the most varied and directly contradictory evaluations on the part of the speakers” (Mikhail Bakhtin).*

## RESUMO

A língua é um fenômeno dinâmico e multifacetado, profundamente entrelaçado com nossas práticas comunicativas cotidianas. Contudo, o desafio reside em equilibrar a norma padrão com a valorização das variações linguísticas, evitando que estereótipos, exclusões ou preconceitos se perpetuem. Diante disso, esta pesquisa objetiva investigar de que forma as variações linguísticas se manifestam no livro didático de inglês “*English Vibes for Brazilian Learners*”, escolhido por ser um livro em vigor atualmente, amplamente utilizado pelo país. A metodologia deste estudo consiste em uma pesquisa documental com abordagem qualitativa-interpretativista, de caráter exploratório e natureza aplicada. Para tanto, utilizamos como aporte teórico as contribuições de autores, como Saussure (2012), Bakhtin (1981; 1986), Bagno (2007; 2009), Lippi-Green (2012), McKay e Hornberger (1996), Fuller e Wardhaugh (2015), além de documentos educacionais, como a BNCC (Brasil, 2018), entre outros. Os resultados indicam que, embora o livro didático aborde variações linguísticas, ele se limita às variantes de prestígio, como a estadunidense, SAE, e a britânica, RP, oferecendo poucas orientações aos professores e com pouca aplicabilidade prática. Isso destaca a necessidade de que os materiais didáticos forneçam maior suporte aos professores, incluindo discussões que incentivem abordagens mais práticas e interculturais da língua. Dessa forma, o livro também restringe a percepção do inglês como uma língua global, viva e adaptável, reduzindo-o a estruturas gramaticais, como abreviações e contrações.

**Palavras-chave:** Variação linguística; Livro didático; Ensino de língua inglesa.

## ABSTRACT

The language is a dynamic and multifaceted phenomenon, deeply intertwined with our daily communicative practices. However, the challenge resides in balancing the standard norm with the appreciation of linguistic variations, avoiding the reinforcement of stereotypes, exclusions, or prejudices. In light of this, this research aims at investigating how linguistic variations are manifested in the English textbook *English Vibes for Brazilian Learners*, chosen because it is a currently in-use book, widely utilized throughout the country. The methodology of this study consists of documentary research with a qualitative-interpretative approach, exploratory character, and applied nature. In this regard, we draw on theoretical contributions from authors such as Saussure (2012), Bakhtin (1981; 1986), Bagno (2007; 2009), Lippi-Green (2012), McKay and Hornberger (1996), Fuller and Wardhaugh (2015), in addition to educational documents, such as the BNCC (Brasil, 2018), among others. The results indicate that, although the textbook addresses linguistic variations, it is limited to prestige variants, such as American English, SAE, and British English, RP, offering few guidelines to teachers and with limited practical applicability. This highlights the necessity for teaching materials to provide enhanced support to teachers, including discussions that promote more practical and intercultural approaches to the language. Thus, the book also restricts the perception of English as a global, living, and adaptable language, reducing it to grammatical structures such as abbreviations and contractions.

**Keywords:** Linguistic variation; Textbook; English language teaching.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LD	Livro Didático
LE	Língua Estrangeira
LF	Língua Franca
MEC	Ministério da Educação
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
RP	<i>Received Pronunciation</i>
SAE	<i>Standard American English</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>REPERTÓRIO TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Concepções de língua(s), sociolinguística e variação linguística.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Ensino de variação linguística e interculturalidade em língua inglesa.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>ARQUITETURA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1</b>	<b>Descrição e análise do LD <i>English Vibes for Brazilian Learners</i>.....</b>	<b>33</b>
<b>4.2</b>	<b>Protótipo de ensino a partir das atividades propostas no LD <i>English Vibes for Brazilian Learners</i>.....</b>	<b>43</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE - PROTÓTIPO SUGERIDO.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A língua é um sistema dinâmico e multifacetado, que apresenta variações tanto geográficas quanto sociais, estando intimamente conectada às práticas comunicativas que permeiam nossas interações diárias. Neste sentido, o ensino das variações linguísticas nas escolas, especialmente nos Livros Didáticos (doravante LDs), torna-se essencial para promover a compreensão e o reconhecimento da diversidade linguística aos alunos. Assim, a sociolinguística, que estuda as interações entre linguagem e sociedade, analisa como essas diferenças refletem identidades individuais e coletivas, influenciadas por fatores sociais, idade, gênero, raça e contexto comunicativo. Em virtude disso, os materiais didáticos devem abordar essa diversidade linguística de forma inclusiva e educativa, não apenas ampliando o vocabulário dos estudantes, como também os preparando para interações em diversos contextos sociais e profissionais.

Desse modo, ao reconhecer e estudar dialetos regionais, registros formais e informais, e variantes étnico-culturais, os estudantes desenvolvem uma visão crítica e respeitosa acerca das diversas formas de expressão linguística. No entanto, o desafio reside em equilibrar a norma padrão com a valorização das variações linguísticas, sem perpetuar estereótipos, exclusões ou preconceitos. Os materiais didáticos devem fornecer ferramentas para que os estudantes possam compreender e se expressar de maneira eficaz em diferentes contextos, promovendo não apenas a competência comunicativa, mas também uma educação inclusiva e empática, consciente das complexidades e riquezas da comunicação humana.

Com base nisso, o objeto de estudo desta pesquisa se estabelece no âmbito da Linguística Aplicada, relacionando-se ao ensino da variação linguística na esfera educacional e à Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), que destaca que a língua varia sistematicamente, de modo que essas variações refletem as diferenças sociais, culturais e até mesmo geográficas dos falantes. Assim, nosso interesse em investigar tal objeto de estudo, se dá a partir de três fatores motivacionais: (i) o primeiro se dá pela necessidade de professores de língua inglesa deixarem de lado a exigência de determinar uma pronúncia tida como correta aos alunos, dado que, por esse motivo, os corrompem ao preconceito em relação às variedades; (ii) o segundo relaciona-se à relevância do assunto para a conscientização da problemática

discutida em relação à ausência de aplicabilidade das variedades, fornecendo, assim, uma reflexão mais crítica a respeito das variações linguísticas no ensino de inglês para os professores em formação e pesquisadores da área de pesquisa; (iii) o terceiro e último fator está inerentemente relacionado à dificuldade que muitos professores enfrentam ao tentar discutir o assunto, fazendo com que permaneçam presos às normas gramaticais e deem menos importância ao tópico em questão. Tendo isso em vista, é essencial que professores, tanto em formação inicial quanto em formação continuada, reconheçam a necessidade dessa abordagem para ampliar tanto seu próprio horizonte quanto o dos alunos, no que diz respeito à capacidade de comunicação em variados contextos e cenários.

Sob tal prisma, visamos responder ao seguinte questionamento: se e de que forma as variações linguísticas se manifestam em livros didáticos de inglês? Desta forma, para alcançarmos nosso objetivo geral, o de investigar de que forma as variações linguísticas se manifestam no livro didático de inglês “*English Vibes for Brazilian Learners*”, traçamos os seguintes objetivos específicos, a fim de responder a nossa inquietude: (i) identificar e analisar quais os tipos de variações linguísticas são abordados no livro didático “*English Vibes for Brazilian Learners*”; (ii) examinar no livro didático de que forma se dá a abordagem de ensino das variações linguísticas em função da competência comunicativa dos alunos; (iii) sugerir um protótipo de ensino como alternativa para a inclusão das variações linguísticas nas práticas pedagógicas, a partir das propostas de atividades no livro didático analisado, para promover o desenvolvimento da competência comunicativa e a valorização da diversidade sociocultural e linguística dos alunos.

Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, com procedimentos documentais, de abordagem qualitativa-interpretativista, de natureza aplicada. A pesquisa é aplicada porque planeja fornecer visões e soluções que possam ser implementadas no contexto situado, enquanto contribui para a resolução de problemas específicos, promovendo, assim, o desenvolvimento e a aplicação de conhecimentos teóricos, na prática. Neste sentido, o *corpus* desta pesquisa é constituído pelo livro didático “*English Vibes for Brazilian Learners*”, cuja análise ocorre nas unidades 1, 7 e 8, com foco na ocorrência e abordagem das variações linguísticas presentes nele, correspondendo aos argumentos do nosso repertório teórico e às categorias de análise para a contrastação dos dados, sendo

elas: Concepção de Língua, Variação Linguística, Sociolinguística e Ensino de Línguas e Língua Inglesa como Língua Franca.

Como embasamento teórico, utilizamos as concepções de Saussure (2012) que discute sobre língua como um sistema de regras e signos, Bagno (2007; 2009), Bakhtin (1981; 1986) e Lippi-Green (2012), que arguem acerca da língua como fenômeno cultural, dinâmico e multifacetado, assim como o campo de estudo e variação linguística, juntamente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que enfatiza a necessidade da língua inglesa ser ensinada por um viés intercultural, destacando as variedades linguísticas existentes na língua, além de outros autores que contribuem para as discussões abordadas nesta pesquisa.

Em relação à estruturação e sistematização, esta pesquisa divide-se em cinco seções. Primeiro, a introdução já apresentada. Logo após a introdução, tem-se o repertório teórico, seção dividida em duas partes: (i) concepções de língua(s), sociolinguística e variação linguística e (ii) ensino de variação linguística e interculturalidade em língua inglesa. Por conseguinte, após nosso repertório teórico, tem-se a arquitetura metodológica da pesquisa, a análise e interpretação dos dados, que está dividida em duas subseções: (i) descrição e análise do LD *English Vibes for Brazilian Learners* e (ii) protótipo de ensino a partir das atividades propostas no LD. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 2 REPERTÓRIO TEÓRICO

Esta seção aborda as concepções de língua, suas áreas de estudo e variações, conforme discutido por autores como Saussure (2012), Bakhtin (1986), Bagno (2007) e Lippi-Green (2012). Além disso, esta seção explora como essas variações são abordadas no campo educacional, com ênfase na BNCC (Brasil, 2018) e sua concepção da língua inglesa como Língua Franca (LF). Adicionalmente, são discutidas as abordagens interculturais no ensino do idioma, conforme os estudos de Mignolo e Walsh (2018), Sewell (2013), Kramsch (1998), entre outros autores relevantes para esta pesquisa.

### 2.1 Concepções de língua(s), sociolinguística e variação linguística

Entende-se que a língua é uma prática social e congênita do ser humano. A língua é concebida como uma ferramenta de comunicação, que possibilita a troca de pensamentos, informações e emoções em meio a uma sociedade, desempenhando um papel indispensável no que tange o desenvolvimento cognitivo e social ao longo dos anos. Para Saussure (2012)<sup>1</sup>, a língua, citada por ele de “*langue*”, é uma convenção social de regras que existe independentemente de seu uso individual da fala, chamada por ele de “*parole*”, compartilhadas por uma comunidade de falantes. É válido ressaltar que, durante sua discussão acerca do que seria língua, ele faz uma distinção entre a língua e a fala. Para ele, a língua é apenas o “produto que o indivíduo registra passivamente”, enquanto a fala é o “ato individual” do falante, que diz respeito às “[...] combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (Saussure, 2012, p. 45). Em suma, suas considerações acerca da língua se baseiam em um sistema de signos e regras, enquanto a fala é concebida como a utilização individual pelo falante, com suas peculiaridades e distinções, focando unicamente nas estruturas linguísticas.

Bakhtin (1986), por outro lado, destaca que a língua não deve ser concebida como um sistema de regras, como explicitado por Saussure (2012), mas sim como um fenômeno social e comunicativo, uma vez que ele “[...] está preocupado com o

---

<sup>1</sup> Embora as concepções de língua do linguista Ferdinand de Saussure sejam discutidas, esta pesquisa adota a perspectiva da língua como uma prática social que considera o sujeito e suas relações dialógicas. Dessa forma, distancia-se da concepção de língua como um sistema de signos e regras proposta por ele.

que pessoas reais, em todas as contingências de suas vidas com experiências distintas, realmente conversam entre si” (Bakhtin, 1986, p. 16, tradução nossa).<sup>2</sup> Em outras palavras, Bakhtin (1986) destaca a importância do contexto social e situacional, uma vez que para a comunicação ocorrer efetivamente, ela deve estar ligada à finalidade da interação, ou seja, ao propósito comunicativo dos falantes. O autor, ao discutir sobre língua, enfatiza a diversidade dos gêneros discursivos, presentes em diferentes contextos e em esferas sociais, considerando que tais gêneros se constituem por meio de palavras (Bakhtin, 1986). Isto é, são construções feitas mediante a comunicação.

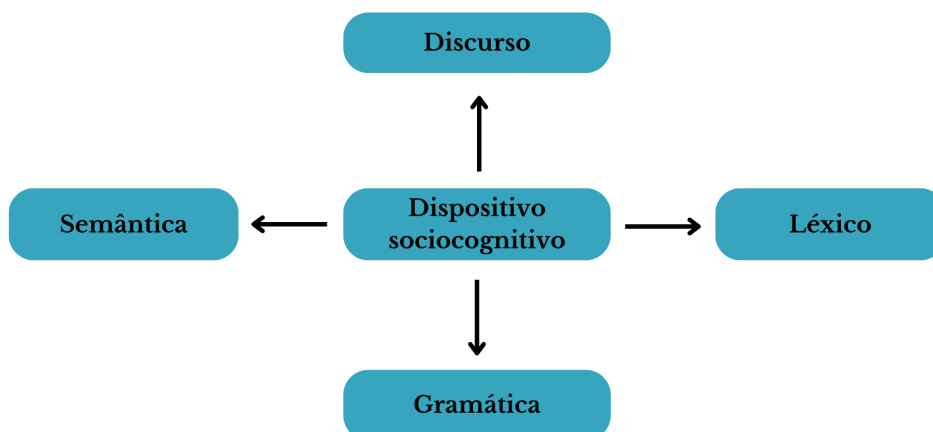
Seguindo o pressuposto de que a língua deve ser concebida como um fenômeno social e comunicativo (Bakhtin, 1986), Bagno (2007) declara que a língua é um fenômeno social, atrelado às práticas e interações comunicativas, uma vez que a língua não deve ser limitada às normas estruturais da variante padrão. O autor, ao estabelecer sua concepção de língua, a compara com um rio, na qual ele diz ser “um rio cauteloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso” (Bagno, 2007, p. 10). Sendo assim, por meio dessa constatação, é imprescindível enfatizar a necessidade da língua ser considerada e reconhecida como sendo algo que vai além de estruturas gramaticais, uma vez que a língua é viva, em constante uso e em constantes mudanças. A língua se faz presente em todas as práticas sociais, nas entrelinhas, no ato de expressar, confidenciar e comunicar.

Bagno (2007) ainda reforça que a língua é como um *iceberg*, enquanto a gramática normativa é a tentativa ineficaz de descrevê-la, visto que só é possível ver a parte que permanece visível no mar, enquanto a outra, bem maior, se mantém subjacente ao que a língua é, de fato. Nessa visão, Bagno (2014) também destaca a perspectiva da língua como um multissistema, proposta por Castilho (2010), como exposto no Diagrama abaixo:

---

<sup>2</sup> “[...] is concerned with what happens when real people in all the contingency of their myriad lives actually speak to each other” (Bakhtin, 1986, p. 16).

### Diagrama - Teoria multissistêmica funcionalista-cognitivista



**Fonte:** Elaborado a partir de Bagno (2014, p. 23), com base em Castilho (2010, p. 69-79).

Nessa ótica, Bagno (2014), ao frisar que a língua é um multissistema subdividido em quatro sistemas independentes, como o discurso, a gramática, o léxico e a semântica, destaca que esses sistemas são acoplados pelo dispositivo sociocognitivo que cada indivíduo possui. Esse dispositivo está integrado às nossas,

[...] estratégias conversacionais, pois é a *conversa*ção, a interação social por meio da língua falada, que molda e modela nossa capacidade de linguagem. Todo uso que fazemos dos nossos recursos linguísticos está sujeito aos processos de *discursivização*, *gramaticalização*, *lexicalização* e *semantização*. E é sempre muito mais produtivo e esclarecedor examinar as propriedades desses recursos linguísticos, simultaneamente, sob a ótica desses quatro sistemas independentes (Bagno, 2014, p. 24).

Ao destacar tais processos, o autor enfatiza a relevância da conversação e da interação social na formação da capacidade linguística, destacando que o modo como utilizamos a língua falada não apenas reflete, mas também molda nossas habilidades. O conceito de “discursivização” se refere ao processo pelo qual práticas de fala e escrita são organizadas em formas discursivas, influenciando a expressão e a compreensão de ideias. A “gramaticalização”, por sua vez, refere-se à transformação de palavras ou expressões que começam com um significado específico e, ao longo do tempo, passam a ter um papel gramatical. Por exemplo, uma palavra que originalmente é um verbo pode se tornar uma preposição ou um auxiliar, como “vou” em “vou à praia” que passou a ser utilizado não somente como um verbo de movimento, mas também para falar do futuro.



Por sua vez, a “lexicalização” envolve a criação de novas palavras ou expressões a partir de combinações existentes, como “rede social”, que combina “rede” e “social”, para se referir a plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Threads*, entre outras, tornando-se uma palavra nova que designa um conceito específico. Já a “semanticização” diz respeito à evolução dos significados das palavras ao longo do tempo em diversos contextos, como a palavra “navegar” que antes significava pilotar um barco, enquanto hoje em dia pode se referir ao ato de explorar a *Internet*. Bagno (2014) sugere que uma análise da interação entre esses quatro processos é mais eficaz para compreender o uso da língua, proporcionando uma visão mais abrangente e rica da comunicação. Ele também destaca que a interação social e as conversas cotidianas moldam a maneira como nos comunicamos.

Com isso, ao considerar a língua como uma ferramenta social, Lippi-Green (2012) estabelece que ela é flexível e responsiva. Ao fazer tal afirmação, ela destaca que a língua possui a capacidade de mudar e se adaptar conforme as necessidades dos falantes. Nesse sentido, Bagno (2007; 2014) também enfatiza a fluidez da língua, destacando que ela se expande, se adapta e se renova com o passar do tempo. Ainda segundo Lippi-Green (2012), a língua vai além de ser apenas um meio de comunicação, desempenhando um papel fundamental na construção de comunidades e identidades, contribuindo para o sentimento de pertencimento de diferentes grupos sociais. Essa visão está diretamente conectada às reflexões de McNamara (2019), que argumenta que, em vez de pressupor que as pessoas utilizem recursos linguísticos com base em identidades previamente estabelecidas, é necessário compreender que as identidades são, em parte, moldadas pela forma como esses recursos são utilizados. Isso nos permite perceber que as subjetividades não são intrínsecas ou fixas, mas sim formadas continuamente nas pequenas interações cotidianas.

Adicionalmente, as concepções dos autores supracitados não se limitam somente à língua, dado que a partir dela se iniciam as discussões sobre suas aplicações (uso da língua por falantes de diferentes grupos sociais) e área de investigação (sociolinguística). Contudo, Saussure (2012), apesar de ser um dos grandes nomes, tratando-se da ampla linguística, não se aprofundou nos aspectos da sociolinguística e tampouco nas variações linguísticas, embora seja evidente que ele reconhecia tais áreas. Isso torna-se notório quando ele discute sobre “*langue*”

(termo referente ao sistema de regras e convenções de uma língua, bem como o compartilhamento dela, ou seja, o uso coletivo e social da língua) e “*parole*” (termo que diz respeito ao uso individual da fala, isto é, às peculiaridades e às condições físicas do falante), demonstrando, assim, a possibilidade de investigação da língua enquanto coletiva e como ela se manifesta de acordo com diferentes grupos sociais. Ao tratar de conceitos como diacronia e sincronia, ele deixa claro que a língua pode ser analisada a partir de um determinado período e contexto. A análise sincrônica se concentra no estudo e observação das mudanças linguísticas em um momento específico, enquanto a abordagem diacrônica investiga as transformações que ocorrem ao longo do tempo, em outras palavras, as mudanças que a língua sofre ao longo dos anos.

Todavia, Bakhtin (1986), ao frisar que a língua é um fenômeno social, que não deve ser vista de forma isolada e abstrata, mas sim de uma perspectiva coletiva, deixa evidente que apesar de não se valer de termos específicos, discute a importância da língua ser estudada enquanto prática social — o que nos leva a uma concepção sociolinguística, posto que, de acordo com ele, a língua é usada a partir da intenção do falante, ou seja, da forma como o falante quer se comunicar e se expressar em meio a um grupo social. Logo, concernente à variação linguística, Bakhtin (1981, p. 10) destaca que “a variação é inerente à língua e [que] reflete variações sociais”. Diante disso, é indubitável que ele tanto reconhecia a língua como moldada por fatores externos (fatores sociais) quanto pela sua natureza dinâmica. Em outras palavras, ele considerava a variação linguística o espelho da diversidade e expressividade de seus falantes em meio às interações interpessoais.

Em consonância com isso, Bagno (2009) enfatiza que as mudanças linguísticas são inevitáveis na língua, uma vez que ela, por ser utilizada por pessoas de diferentes esferas sociais, passa por mudanças e “evoluções” constantes. Ele critica a concepção de erro que muitas pessoas assumem erroneamente, juntamente com os “puristas” da língua, como destacado por ele. O autor também faz menção ao “ideal linguístico” que muitos possuem, pois, embora as variedades da língua sejam reconhecidas, muitas pessoas preferem manter-se em busca de uma língua correta, ou seja, uma língua idealizada com base nos dicionários e na variante de prestígio. Esse pensamento contribui para a estigmatização das variedades linguísticas faladas pelas comunidades populares no dia a dia. Assim, com base nisso, surge o questionamento: o que seria uma variedade prestigiada, ou seja, uma

língua de prestígio? De acordo com Gnerre (1998), uma língua de prestígio é uma variante escolhida por uma determinada parcela da população mais privilegiada. Isto é, uma variedade tida no centro do poder, como por parte de políticos, igrejas, instituições de ensino, entre outros.

Logo, por falar em uma parcela da população, evidencia-se que nem todos têm acesso à variante de prestígio, algo recorrente na atualidade, principalmente ao se observar que os falantes das variedades linguísticas estigmatizadas não têm acesso aos serviços a que têm direito, como em instituições públicas, como afirmado por Bagno (2007). Tal afirmação deixa evidente que a utilização de uma variedade de prestígio com um vocabulário mais avançado, por parte de órgãos públicos, dificulta o entendimento de determinados utilizadores dos serviços que deveriam ser para todos. Já que, de certa forma, não consideram as demais variedades e tampouco o grau de conhecimento das parcelas menos privilegiadas.

Lippi-Green (2012), ao considerar que todas as línguas são sujeitas a variações, evidencia um ponto de vista sociolinguístico e intrinsecamente ligado às mudanças que a língua sofre de acordo com determinados grupos sociais. Ao falar sobre, ela enfatiza haver variedades concebidas como superiores, isto é, com poder e prestígio em relação às demais formas de comunicação da língua. A autora também discute acerca das ideologias que moldam pensamentos, resultando em discriminação e desigualdade social, visto que as variedades que não estão no centro do poder passam a ser estigmatizadas e comumente concebidas como erradas, ou seja, inferiores em comparação ao “padrão linguístico”, como afirmado por ela.

De maneira semelhante, Fuller e Wardhaugh (2015) concebem essas mudanças como intrínsecas de todas as línguas, uma vez que elas refletem em diferentes significados sociais, identidades e grupos de falantes, até mesmo no registro escolhido por um único indivíduo em diferentes contextos. Eles ainda frisam a importância do reconhecimento das variedades de uma língua, já que ao reconhecê-las, os falantes tomam consciência de que a língua não deve ser vista abstratamente, mas sim como algo que as pessoas utilizam corriqueiramente. Além disso, os autores ainda destacam a sociolinguística como,

[...] o estudo de nossas vidas cotidianas — como a linguagem funciona em nossas conversas informais e na mídia a que estamos expostos, e a presença de normas sociais, políticas e leis que abordam a linguagem. [...]

A sociolinguística não é um estudo de fatos [...], mas o estudo de ideias sobre como as normas sociais estão entrelaçadas com nosso uso da linguagem (Fuller; Wardhaugh, 2015, p. 1-2, tradução nossa).<sup>3</sup>

Diante do exposto, é válido ressaltar a importância que o campo da sociolinguística tem na sociedade e nos estudos sobre as línguas ao redor do mundo. A sociolinguística se debruça sobre aspectos da língua em relação ao seu uso real pelos falantes no cotidiano, enquanto analisa fatores que influenciam escolhas linguísticas, como idade, raça, grupo social, gênero, entre outros. Dessa forma, investiga por que determinados fenômenos linguísticos ocorrem e como essas variáveis impactam as línguas estudadas. Com base no exposto, a seguir são discutidas as visões de autores referentes ao ensino das variações linguísticas no contexto do ensino da língua inglesa.

## **2.2 Ensino de variação linguística e interculturalidade em língua inglesa**

Considerando as transformações linguísticas que ocorrem ao longo do tempo, e devido à influência dos falantes, é de fundamental importância integrar essas mudanças no processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem se faz essencialmente relevante quando se considera sua contribuição para a formação crítica, inclusiva e social dos estudantes. Bagno (2007) afirma que para que o ensino de línguas seja eficaz, é necessário que instituições e órgãos de ensino se distanciem da concepção de que a língua é uma unidade, ou seja, fixa, monolítica (sólida), mas sim multifacetada, diversificada, que abrange inúmeras variações, sejam elas regionais, sociais, culturais, dentre outras. Além disso, ele ainda aponta a necessidade de que os professores, ao ensinar, reconheçam a existência das variações presentes na língua, dado que esta abordagem se torna essencial para o ensino de línguas em função da participação efetiva dos falantes.

McKay e Hornberger (1996) afirmam que uma das principais razões para ensinar variações linguísticas é que, ao fazê-lo, os alunos são preparados para o mundo afora. Em outras palavras, ao possibilitar que os alunos vejam a língua como dinâmica, baseada não apenas em aspectos estruturais, mas também em seu uso,

---

<sup>3</sup> “[...] *the study of our everyday lives — how language works in our casual conversations and the media we are exposed to, and the presence of societal norms, policies, and laws which address language. [...] Sociolinguistics is not a study of facts [...] but the study of ideas about how societal norms are intertwined with our language use*” (Fuller; Wardhaugh, 2015, p. 1-2).

eles passam a perceber a língua de uma forma mais prática. Ou melhor, isso os encaminha rumo ao processo de desconstrução da visão limitada, imposta pela sociedade, de que somente a variante padrão (de prestígio) está correta. Assim, ao desmistificar tais concepções acerca da língua, os professores encorajam os alunos a expressarem-se livremente em sala de aula, em vez de direcioná-los à insegurança e ao sentimento de incapacidade, como reiterado por Bagno (2007).

Cyranka (2015, p. 35) reforça essa perspectiva, ao afirmar que o professor não deve simplesmente “ensinar o que os alunos já sabem”, mas sim considerar “a variedade linguística que eles utilizam” e “conduzi-los nas atividades pedagógicas [para a] ampliação de sua competência comunicativa”. Baseando-se nisso, é essencial que essa abordagem de reconhecimento e valorização das variações linguísticas esteja incorporada nos currículos educacionais, como discutido por Bagno (2007). Ele ainda argumenta que, para que essa visão seja efetivamente implementada, é crucial que os currículos e materiais didáticos incluam abordagens de ensino que reconheçam e valorizem as diversas formas de uso da língua. Em outras palavras, é essencial que os professores não apenas possuam flexibilidade e conhecimento adequado para discutir esses temas, mas que também tenham o suporte necessário para fazê-lo.

Devido às inúmeras demandas, como a quantidade de turmas, a variedade de assuntos e as horas a serem cumpridas, os professores frequentemente se veem impossibilitados de promover discussões sobre usos reais da língua, expressões e competências relacionadas à comunicação cotidiana, assim, fragmentando significativamente o ensino de línguas. Portanto, é indispensável que os currículos e materiais didáticos integrem abordagens de reconhecimento e valorização das variações linguísticas. Além disso, os professores devem receber o suporte necessário, como a formação continuada, para discutir e aplicar essas variações no ensino, visando enriquecer a competência comunicativa dos alunos.

Em vista do exposto, partindo para o viés do ensino de variações linguísticas na língua inglesa, Crystal (2003) dialoga acerca da abundância de alunos que chegam à sala de aula falando de formas divergentes ao inglês concebido como padrão. Ele também enfatiza os desafios enfrentados pelos professores de Língua Estrangeira (LE), que incluem lidar com os diferentes níveis de proficiência dos alunos, adaptar materiais didáticos, manter a motivação, entre outros. Logo, partindo desse pressuposto, surge o questionamento: de que forma o ensino das variações

linguísticas da língua inglesa é abordado pelo órgão que rege a educação brasileira na atualidade?

Assim, com base nessa indagação, é válido destacar que, segundo o Ministério da Educação (MEC), a BNCC<sup>4</sup> objetiva abordar a língua inglesa com o viés de uma LF, se distanciando da concepção de LE anteriormente associada a ela, considerando que o inglês deixou de ser uma língua exclusivamente dos países de fala nativa. Destacando, assim, o caráter diverso e intercultural da língua inglesa, ao reconhecer as variações como expressões identitárias das pessoas e culturas que a utilizam ao redor do mundo, ao mesmo tempo que critica a concepção limitada da língua às variantes dos Estados Unidos, com foco no inglês padrão, de prestígio, o *Standard American English*<sup>5</sup> (SAE) e do Reino Unido, com foco na variante de prestígio, a *Received Pronunciation*<sup>6</sup> (RP). Portanto, ao criar uma base sólida de ensino que visa instruir os alunos sobre as variações linguísticas do inglês e a importância de entender como diferentes contextos influenciam a língua, a BNCC (Brasil, 2018, p. 242) ressalta que,

situar a língua inglesa em seu *status* de língua franca implica compreender que determinadas crenças – como a de que há um “inglês melhor” para se ensinar, ou um “nível de proficiência” específico a ser alcançado pelo aluno – precisam ser relativizadas. Isso exige do professor uma atitude de acolhimento e legitimação de diferentes formas de expressão na língua, como o uso de *ain't* para fazer a negação, e não apenas formas “padrão” como *isn't* ou *aren't*. Em outras palavras, não queremos tratar esses usos como uma exceção, uma curiosidade local da língua, que foge ao “padrão” a ser seguido. Muito pelo contrário – é tratar usos locais do inglês e recursos linguísticos a eles relacionados na perspectiva de construção de um repertório linguístico, que deve ser analisado e disponibilizado ao aluno para dele fazer uso observando sempre a condição de inteligibilidade na interação linguística.

Diante disso, a BNCC (Brasil, 2018), ao destacar a língua inglesa como uma LF, adota uma perspectiva inclusiva que visibiliza o inglês como um meio de comunicação global, dessa forma, “[...] usado como uma língua de contato entre

<sup>4</sup> “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...], em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação [...]” (Brasil, 2018, p. 7).

<sup>5</sup> Variante de prestígio do inglês falada nos Estados Unidos, tida como forma correta da língua inglesa em contextos formais e educacionais.

<sup>6</sup> Variante de prestígio considerada padrão, historicamente associada a classes sociais mais altas e à educação privilegiada do Reino Unido, frequentemente usada em contextos formais, como na mídia, na política e em algumas áreas acadêmicas.

falantes de diferentes línguas maternas (Jenkins, 2009, p. 143, tradução nossa).<sup>7</sup> Tendo isso em vista, é válido ressaltar que Jenkins (2009) ainda destaca que uma LF é usada como meio de comunicação que consiste em falantes não-nativos que se comunicam, majoritariamente, com outros falantes não-nativos ou com falantes que não possuem o inglês como primeira língua.

Nesse sentido, tal concepção reforça que a língua inglesa não pertence exclusivamente a países que a falam nativamente, mas sim a todos que a utilizam como um meio de comunicação internacional. Essa visão descentraliza o foco da norma tradicional baseada nos padrões do inglês britânico e o estadunidense, valorizando as múltiplas variações linguísticas e culturais que emergem do uso do inglês em interações globais. Isso reflete a natureza dinâmica e adaptável do inglês como uma LF, que se molda conforme os contextos interculturais nos quais é usado. Assim, a diversidade de sotaques, vocabulários e estruturas gramaticais que surgem entre falantes de diferentes nacionalidades não são vistas como erro, mas como uma característica natural e enriquecedora do uso global da língua.

Dessa forma, ao propor essa visão, o documento evidencia a necessidade de professores adotarem essa abordagem no ensino da língua inglesa, uma vez que ao fazerem isso, desenvolvem nos alunos competências relacionadas à comunicação, que estão associadas à capacidade deles de se comunicar perante diferentes contextos. Assim, demonstrando apreço em relação aos diferentes grupos, evitando também mal-entendidos e respeitando a diversidade, incluindo diferentes sotaques, dialetos e registros. Portanto, se relacionando integralmente com a Competência Específica 4 do Ensino Médio, proposta pela BNCC (Brasil, 2018, p. 494), que diz respeito à capacidade dos alunos de,

compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Essa competência específica destaca a importância de os alunos compreenderem as línguas como fenômenos diversos, caracterizados pela heterogeneidade de registros, dialetos, estilos e usos, respeitando a variação e a

---

<sup>7</sup> “[...] used as a contact language among speakers from different first languages” (Jenkins, 2009, p. 143).

diversidade linguística, sem preconceitos. Também aborda o uso apropriado das línguas conforme o contexto de produção dos discursos, considerando a variedade, o registro, os campos sociais de atuação e os interlocutores. A BNCC ainda apresenta habilidades a serem desenvolvidas nos alunos, segundo a competência supracitada, como exposto no Quadro 1 abaixo:

**Quadro 1** - Habilidades da Competência Específica 4 do Ensino Médio da BNCC

HABILIDADES
<b>(EM13LGG401)</b> Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
<b>(EM13LGG402)</b> Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.
<b>(EM13LGG403)</b> Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

**Fonte:** Elaborado a partir da BNCC (Brasil, 2018, p. 494).

Dessa maneira, tais habilidades a serem desenvolvidas nos alunos culminam significativamente para o entendimento das diversas formas de comunicação do inglês como uma LF e para a desconstrução de preconceitos em relação às diversidades linguísticas presentes na língua. Vale ressaltar que, ao compreenderem as diferentes formas de comunicação, os alunos podem ser instruídos de que o preconceito linguístico ocorre não só a partir de fatores linguísticos, como a gramática, vocabulário e demais regras que regem a língua, relacionando suas vivências e seus conhecimentos acerca dessa prática, por serem de uma região tão estigmatizada como o Nordeste, mas também a partir de fatores extralinguísticos, como o contexto cultural, social, histórico, de gestos, entonação, dentre outros. Além disso, ao entenderem e refletirem sobre as variadas formas de preconceito linguístico presentes na língua inglesa e em seu cotidiano, os alunos terão a oportunidade de pensar criticamente sobre essas práticas, seja quando elas partem deles mesmos ou de outras pessoas.

Sewell (2013, p. 7, tradução nossa) salienta que,



adotar uma perspectiva de inglês como uma LF no ensino não significa que normas e padrões não são mais necessários, mas que esses são conceitos mutáveis, e que os estudantes precisam ser introduzidos à variação linguística quando estiverem prontos.<sup>8</sup>

Com isso, essa perspectiva se faz necessária para o processo de desconstrução de crenças de inferioridade e estranhamento que os alunos possam ter, mediante as demais variedades linguísticas consideradas fora do padrão — concernente à variante de prestígio, presente em filmes e séries, a qual eles podem estar habituados.

É válido destacar os desafios enfrentados pelos professores ao tentar implementar discussões acerca das diversidades linguísticas, como a resistência por parte dos alunos, falta de preparação e de recursos, tempo limitado, entre outros, enquanto tentam manter esses debates acessíveis e conectados ao contexto da sala de aula e à realidade dos alunos (Sewell, 2013). Ainda assim, pode-se afirmar que essa iniciativa “[...] garantirá que seus alunos sejam expostos a uma linguagem mais semelhante ao inglês como uma LF com o passar do tempo” (Harmer, 2015, p. 4, tradução nossa).<sup>9</sup> Em outras palavras, essa proposta de inclusão do inglês como uma LF pode servir como uma forma de desmistificar conceitos e anseios que os alunos possam ter ao aprender inglês, tornando o processo de aprendizado dos alunos mais leve e acessível, além de fomentar um entendimento mais crítico e culturalmente consciente do idioma.

Dessa forma, ao tornar o aprendizado dos alunos mais acessível, é fundamental sensibilizá-los acerca da comunicação intercultural do inglês, visando promover um entendimento mais profundo e crítico do idioma. A interculturalidade permite que os alunos compreendam não apenas a língua em si, mas também as diversas culturas que a utilizam, rompendo com a visão de que o inglês pertence exclusivamente a determinados países, como discutido anteriormente. Esta perspectiva amplia o olhar dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre como o idioma se adapta e se transforma em diferentes contextos culturais. Reflexão esta que possibilita que eles tenham em mente que a comunicação intercultural é mais do que apenas o diálogo entre culturas ou a interação com pessoas de diferentes

---

<sup>8</sup> “Adopting an ELF perspective on teaching does not mean that norms and standards are no longer required, but that these are mutable concepts and that learners need to be introduced to language variation when they are ready” (Sewell, 2013, p. 7).

<sup>9</sup> “[...] will ensure that their students are exposed to more EFL-like language as time goes on” (Harmer, 2015, p. 4).

nações. Dado que se refere à criação de sociedades completamente novas, com uma ordem social diferente, repleta de mudanças nos âmbitos econômico, social, político e cultural (Mignolo; Walsh, 2018).

Essa concepção estabelece uma correlação direta com as reflexões propostas por Saback Orr e Almeida (2012, p. 14), que destacam que mediante,

[...] uma abordagem do ensino intercultural, centrada no diálogo entre os sujeitos e os mundos culturais diversos, é possível [...] desenvolver uma prática de ensino de línguas que não se limite à aprendizagem de aspectos meramente formais e estruturais da língua.

O que possibilita um ensino de inglês contextualizado, entrelaçado às nuances de sentidos, contextos de produção e propósitos comunicativos dos falantes. Essa prática de ensino pode ser eficaz para propiciar o desvencilhamento de crenças dos alunos, desconstruindo seus preconceitos em relação ao outro, os conscientizando de que as pessoas se comunicam de maneiras distintas porque suas formas de pensar variam, e essas variações de pensamento ocorrem porque suas línguas oferecem diferentes perspectivas para descrever e compreender o mundo ao seu redor (Kramsch, 1998).

Destarte, tais reflexões relacionam-se fortemente à concepção de que os “professores devem criar em suas salas de aula uma série de oportunidades de participação, para os estudantes poderem experienciar uma ampla variedade de formas e funções da linguagem” (McKay; Hornberger, 1996, p. 33, tradução nossa).<sup>10</sup> Em outras palavras, é essencial que os professores ampliem a visão dos alunos consoante às inúmeras possibilidades de comunicação da língua, a fim de fazê-los entender que ela vai além das palavras, das estruturas, os conscientizando das diversas nuances, significados, usos e costumes, além de promover discussões que abordem identidade e poder presentes na língua. Pois, ao realizar esta ação, mesmo frente às diversas dificuldades já citadas, os professores podem desenvolver em si a prática dialética a respeito do “fazer e o pensar sobre o fazer” (Freire, 1996, p. 22).

Portanto, ao refletir continuamente sobre sua prática, os professores de língua inglesa podem adotar uma postura crítica, promovendo um ensino mais intercultural e enriquecendo o aprendizado de seus alunos, já que ainda de acordo com Freire (1996), o ato de ensinar não se detém a uma mera transferência de conhecimentos,

---

<sup>10</sup> “*Teachers must create in their classrooms a range of participation opportunities so that students can experience a wide variety of language forms and functions*” (McKay; Hornberger, 1996, p. 33).

mas sim de possibilitar nos alunos novas visões e pensamentos em relação ao mundo. Diante da discussão fornecida, apresentamos a seguir nossa arquitetura metodológica da pesquisa, servindo como base norteadora para nossas discussões e resultados.

### 3 ARQUITETURA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A presente pesquisa consistiu em investigar de que forma as variações linguísticas se manifestam no LD de inglês “*English Vibes for Brazilian Learners*”. Com base nisso, trata-se de uma Pesquisa Documental (Gil, 2008), que apesar de assemelhar-se à Pesquisa Bibliográfica, como explicitado pelo autor, visa analisar documentos, como cartas, reportagens de jornais, filmes, imagens, documentos oficiais, livros didáticos, entre outros.

Sua Abordagem é Qualitativa-Interpretativista (Mattos, 2011), de Natureza Aplicada (Paiva, 2019), visto que busca abordar, refletir e compreender e interpretar aspectos relacionados à problemática em questão. A pesquisa é de natureza aplicada porque planeja fornecer visões e soluções que possam ser implementadas no contexto real, enquanto contribui para a resolução de problemas específicos, promovendo, assim, o desenvolvimento e a aplicação de conhecimentos teóricos, na prática. Ainda de acordo com sua abordagem, Gil (2008) destaca que a pesquisa qualitativa é de cunho Exploratório (Gil, 2008), bastante flexível, utilizada para compreender e discutir significados, contextos e experiências humanas, uma vez que lida com problemáticas sociais. Ele ainda destaca que as pesquisas de cunho Exploratório,

[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (Gil, 2008, p. 27).

Com base nisso, é necessário considerar que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, ela estará pautada na interpretação dos dados por parte do pesquisador, que será o principal instrumento na coleta de dados (Moreira; Caleffe, 2006). Logo, tem-se o conceito da natureza interpretativa, uma vez que o pesquisador estará envolvido em um processo de análise e de reflexão, interpretando de que forma as variações linguísticas são abordadas no LD analisado. Em suma, ao realizar uma Pesquisa Qualitativa-Interpretativista de cunho Exploratório sobre as variações linguísticas presentes no LD, o objetivo é investigar

e compreender as diversas formas de uso da língua, considerando os contextos culturais e sociais dos alunos. Esta Abordagem Interpretativa facilita a formulação de novos problemas e discussões acerca da pesquisa, contribuindo, dessa forma, para um entendimento mais dinâmico e contextualizado do ensino de inglês como uma LF.

Assim, são lançadas discussões acerca das definições e orientações da BNCC em relação ao ensino da variação linguística da língua inglesa na educação básica brasileira. A escolha metodológica de abordar discussões com base neste documento está estritamente relacionada ao fato da BNCC ser um documento oficial, aprovado em 2018, utilizado como base norteadora das práticas de ensino nas escolas do país, atualmente. Desse modo, norteador as discussões teóricas e abordadas pelo documento em questão, relacionando-as, assim, ao LD analisado, já que se tratam de livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2021, programa do MEC, cujo foco é proporcionar LDs de qualidade às escolas públicas brasileiras, promovendo um melhor guia de ensino para professores e alunos.

O LD selecionado, “*English Vibes for Brazilian Learners*”, foi publicado pela editora FTD Educação<sup>11</sup>. O LD voltado para alunos do Ensino Médio foi lançado em 2020, mas sua distribuição pelo Brasil começou apenas em 2022, com previsão de utilização até o final do ano letivo de 2024. Escrito por Kátia Tavares<sup>12</sup> e Claudio Franco<sup>13</sup>, o livro é apresentado em volume único, buscando atender às necessidades linguísticas e culturais dos estudantes brasileiros, conforme os autores.

Diante disso, os critérios para a seleção do LD foram: disponibilidade, gratuidade e interesse pessoal em analisá-lo, já que se trata de um material utilizado durante as práticas de estágio supervisionado do curso, e devido a ampla utilização desses materiais pelo país, por fazer parte do PNLD de 2021, como já explicitado. O documento analisado inclui o Manual do Professor, em virtude das orientações fornecidas pelos autores nesse tipo de material. Abaixo, as Figuras 1 do LD selecionado para análise:

---

<sup>11</sup> **FTD Educação:** <https://ftd.com.br/sobre-nos/>.

<sup>12</sup> **Kátia Tavares:** Professora Titular da Faculdade de Letras da UFRJ, com mestrado e doutorado em Linguística Aplicada. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/5940366258647522>.

<sup>13</sup> **Claudio Franco:** Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG e mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/2693521388430114>.



Figura 2 - Unidade 1 (*Be Smart Online*)



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

UNIT  
**1**

# BE SMART *Online*

**Nesta unidade, você vai...**

- falar sobre como usar a internet de forma inteligente;
- compreender e produzir listas de dicas (*lists of tips*);
- identificar palavras cognatas (*cognates*);
- usar o imperativo (*imperative*).

14

Fonte: *English Vibes for Brazilian Learners* (Franco; Tavares, 2020, p. 14)

Nesta unidade do livro, o objetivo é discutir o uso inteligente da *Internet*, abordando como navegar por esse ambiente de forma crítica e eficaz. Os alunos aprenderão a compreender e produzir listas de dicas (*lists of tips*), facilitando a organização de informações úteis. Além disso, será feita a identificação de palavras cognatas (*cognates*), que auxiliam na expansão do vocabulário. Por fim, a unidade explora o uso do imperativo (*imperative*), permitindo que os alunos formulem instruções e orientações de maneira clara e direta.

Figura 3 - Unidade 7 (The Power of Music)

UNIT  
7

THE POWER OF  
*Music*

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

138

Nesta unidade,  
você vai...

- falar sobre o poder da música;
- compreender e produzir pesquisas de opinião (*opinion polls*);
- explorar *collocations*;
- usar as formas comparativas e superlativas de adjetivos.

Consulte as Orientações Complementares no Manual do Professor.

Fonte: *English Vibes for Brazilian Learners* (Franco; Tavares, 2020, p. 138)

Nesta unidade, o objetivo é explorar o poder da música e seu impacto na sociedade. Os alunos devem compreender e elaborar pesquisas de opinião (*opinion polls*), desenvolvendo habilidades para coletar e analisar dados. Além disso, a unidade abordará *collocations*, ajudando os estudantes a enriquecer seu vocabulário e suas expressões. Por último, os alunos aprenderão a utilizar as formas comparativas (*comparative*) e superlativas (*superlative*) de adjetivos, permitindo que façam comparações de maneira precisa e expressiva.



Figura 4 - Unidade 8 (A Matter of Time)

UNIT  
8

A MATTER OF  
*Time*

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Nesta unidade,  
você vai...

- falar sobre a relação entre os jovens e o tempo;
- compreender e produzir poemas (*poems*);
- explorar *multi-word verbs*;
- usar as formas com *will* e *be going to* para falar sobre o futuro.

152

Fonte: *English Vibes for Brazilian Learners* (Franco; Tavares, 2020, p. 152)

Nesta unidade, o objetivo é explorar a relação entre os jovens e o tempo, refletindo sobre como a percepção do tempo influencia suas vidas e decisões. Os alunos devem compreender e criar poemas, desenvolvendo sua expressão artística e sensibilidade literária. Além disso, a unidade abordará os *multi-word verbs* (mais conhecidos como *phrasal verbs*), os quais são frequentemente usados na linguagem cotidiana, como: *give up*, *look after*, *turn on*, entre outros, enriquecendo o vocabulário e a fluência dos estudantes. Por fim, será ensinado o uso das formas verbais “*will*” e “*be going to*” para falar sobre o futuro, capacitando os alunos a expressar suas previsões e planos de maneira clara e contextualizada.

Portanto, com o intuito de estabelecer categorizações para a análise de dados das referidas unidades do LD, com base nas discussões presentes no repertório teórico, nos valem do segundo objetivo específico, o de examinar no livro didático

de que forma se dá a abordagem de ensino das variações linguísticas em função da competência comunicativa dos alunos. Sob tal perspectiva, as categorizações são estabelecidas no Quadro 2 abaixo:

**Quadro 2 - Categorias de Análise de Dados**

CATEGORIAS GERAIS	ESPECIFICAÇÕES
Concepção de Língua	Distinção entre normas e uso real da língua; Língua como fenômeno social e comunicativo; Dinamicidade e fluidez da língua; Língua como multissistema; Reconhecimento das variações linguísticas.
Variação Linguística	Língua usada no cotidiano, ligada às normas sociais que influenciam seu uso; Estigmatização das variedades; Discussão sobre poder e discriminação linguística; Toda língua sofre mudanças, e essas mudanças refletem ideologias e relações de poder na sociedade.
Sociolinguística e Ensino de Línguas	Inclusão das variações linguísticas no material didático; Observação acerca do modo em que o material didático aborda o uso real da língua; Importância de ensinar variações linguísticas para preparar os alunos para a comunicação real e inteligível no mundo globalizado.
Língua Inglesa como Língua Franca	Língua por uma visão de uso diversificado; Abordagem da língua como LF no material didático; Promoção de uma visão intercultural da língua no ensino de língua inglesa.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

À vista dos elementos apresentados, após a elaboração da arquitetura metodológica da pesquisa, apresentamos a seguir a seção dedicada à análise e interpretação dos dados. Nesta seção, analisaremos o LD mencionado, visando aprofundar a compreensão das concepções de língua e suas variedades. As análises são realizadas com base nas discussões propostas até aqui, buscando integrar os fundamentos teóricos com as práticas educacionais abordadas.

## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, verificamos como as variedades linguísticas do inglês são abordadas no LD, incluindo não apenas as variantes mais privilegiadas, como o inglês estadunidense e o britânico, mas também outras variantes, como o Inglês Vernacular Afro-Americano, conhecido por *African American Vernacular English* (AAVE), Australiano, Canadense, Neozelandês, Sul-Africano, e as faladas em países onde o inglês é tido como uma LF, como Índia, Nigéria e Singapura. São observadas as diferenças de pronúncia, vocabulário e gramática, e como essas características são apresentadas no material didático selecionado. Assim, esta seção está dividida em duas subseções, sendo elas: (i) descrição e análise do LD *English Vibes for Brazilian Learners* e (ii) protótipo de ensino a partir das atividades propostas no LD. Dessa forma, a análise considera os seguintes pontos: (i) conteúdo linguístico e estrutura gramatical e (ii) representatividade cultural e inclusão de diferentes variedades linguísticas do inglês.

### 4.1 Descrição e análise do LD *English Vibes for Brazilian Learners*

A primeira abordagem acerca das variedades linguísticas no LD ocorre na Unidade 1 (Figura 2), que tem início na página 14, intitulada “*Be Smart Online*”, na seção *Oral Skills*, na página 22, cujo objetivo é fornecer práticas de compreensão e produções orais em diversos contextos discursivos.

A atividade aborda aspectos relacionados ao *cyberbullying*, que diz respeito ao preconceito exercido de diversas maneiras no contexto *online* — nas redes sociais — como ameaças, exposições, comentários maldosos, entre outros. Espera-se que os alunos reflitam sobre o *cyberbullying* e pensam em formas de combatê-lo de acordo com as problemáticas apresentadas na questão 1, como: (i) *you receive an abusive or threatening email from a stranger*; (ii) *someone is sharing your pictures with others without consent*; (iii) *someone is spreading a rumor about you online*; (iv) *someone uses fake profiles pretending to be you*; (v) *someone is stalking you online*.

Assim, ao analisarem essas problemáticas e possíveis formas de combatê-las, eles são levados a refletir sobre suas atitudes e comportamentos nas

redes sociais, o que os conscientiza em relação a si e aos outros. Desse modo, as perguntas da questão 2, de viés discursivo, fornecem melhor entendimento acerca do que está sendo mostrado no cartum ao lado, com perguntas como: “*where are they?*”, “*what problem does the cartoon illustrate?*”, etc., juntamente com algumas dicas a serem dadas ao garoto que está sofrendo a ameaça. A atividade é clara e corrobora para a conscientização e criticidade dos alunos no que tange à problemática abordada. Abaixo, observamos a Figura 5, que apresenta o cartum em discussão:

**Figura 5 - Cartum enfatizando a prática do cyberbullying**

Oral

SKILLS

Em *Oral Skills*, o objetivo é oferecer práticas de compreensão e produção oral em diversos contextos discursivos.

**1** In pairs, discuss ways to help stop cyberbullying. Think of useful tips for each problem presented as in the examples. The tips presented in the text on page 20 can help you.

Personal answers.  
**Problems:**

- You receive an abusive or threatening email from a stranger.
- Someone is sharing your pictures with others without consent.
- Someone is spreading a rumor about you online.
- Someone uses fake profiles pretending to be you.
- Someone is stalking you online.

**Examples:**

- Don't cyberbully back./Don't seek revenge.*
- Talk to an adult you trust about the problem.*

**2** Read the cartoon on the right and, in pairs, ask and answer the following questions.

- Where are they? a. At school.; b. Bullying/ Cyberbullying.; c. Personal answer.
- What problem does the cartoon illustrate?
- What tip(s) from the list below can you give to the boy on the left?

**Tips:**

- ▶ Don't seek revenge and don't cyberbully back.
- ▶ Talk to an adult you trust about the problem.
- ▶ Block and report the bully to the social media platform.
- ▶ Take a screenshot of anything that you think could be cyberbullying and save it on your computer.
- ▶ Keep your social media privacy settings high.

O exercício 1, por meio de processos de análise e resolução de problemas, contribui para o desenvolvimento do pensamento computacional ao propor uma atividade em dupla em que os alunos, a partir de cinco situações-problema, devem oferecer dicas úteis para combater o *cyberbullying*.

Ao corrigir o item b do exercício 2, comente que a expressão *get you* (“pegar você”, em português) usada pelo menino mais alto sugere que haverá uma agressão física após a saída da escola, mas a fala do menino da direita quebra essa expectativa, ao dizer que a agressão será feita pelas mídias sociais. Dessa forma, o cartum surpreende o leitor, apontando um tipo de *bullying* que vem se tornando mais comum entre os jovens com o crescente uso das redes sociais – o *cyberbullying*. Aproveite para destacar que qualquer tipo de *bullying* é inadmissível.

From: <www.cartoonstock.com/cartoonview.asp?catref=mgrn855>. Accessed on: Jan. 10, 2020.  
Para ampliar a exploração do cartum, pergunte aos alunos qual é a expressão facial dos garotos que falam. Espere-se que eles identifiquem uma expressão ameaçadora. Verifique se os alunos sabem que *gonna* é a forma contrata de *going to*, utilizada para planejar uma ação no futuro (no caso, depois do horário escolar – *after school*). Explique aos alunos que esse é um exemplo de variação linguística.

Ao trazerem este cartum, os autores fornecem um comentário direcionado ao professor para questionar os alunos sobre qual é a expressão facial dos garotos que falam nos balões. É esperado, então, que os alunos reconheçam uma expressão ameaçadora nos rostos dos garotos. No comentário, é destacado, também, que o professor explique que o uso da palavra *gonna* é uma contração de *going to*, usada em contextos informais e que quer dizer que se trata de uma ação que eles planejam para o futuro, que seria após a escola.

No final do comentário, os autores ainda sugerem que o professor explique aos alunos que o uso da contração *gonna* é um exemplo de variação linguística. Entretanto, não fornecem mais informações ou exemplos, e também não abordam sobre a variação linguística da língua inglesa nas páginas anteriores, não atendendo plenamente à habilidade EM13LGG403 da BNCC (Brasil, 2018, p. 494), que diz respeito a “fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo”.

Dessa forma, embora a intenção dos autores seja positiva ao fornecer um comentário direcionado ao professor, a falta de sugestões concretas para explorar as variações linguísticas limita a profundidade da discussão em sala de aula, como discutido por Bagno (2007). Assim, não destacando também que se trata de um tipo de variação diafásica, que diz respeito ao uso de abreviações ou contrações na língua conforme o contexto comunicativo e situacional dos falantes, estando ligadas à finalidade discursiva dos garotos, relacionando-se à ideia de “discursivização” fornecida por Castilho (2010, *apud* Bagno, 2014), como podemos observar no cartum acima.

A segunda ocorrência da abordagem de ensino das variedades linguísticas está presente na Unidade 7 (Figura 3), que tem início na página 138, intitulada “*The Power of Music*” do respectivo livro, na seção *Oral Skills*, na página 146, que objetiva oferecer, também, práticas de compreensão e produção oral em diversos contextos discursivos. Dessa forma, a atividade proposta pelos autores se dá a partir de trechos de duas músicas: *The Climb*, da cantora Miley Cyrus e *Rise*, da cantora Katy Perry, como podemos observar na Figura 5 abaixo:

**Figura 5** - Atividade de compreensão oral das músicas *The Climb* e *Rise*

# Oral SKILLS

Em *Oral Skills*, o objetivo é oferecer práticas de compreensão e produção oral em diversos contextos discursivos.

**1** Listen to parts of two songs, transcribed below. Use the **Glossary** on page 310 if necessary. Then, in pairs, ask and answer the following questions. The **Useful Language** section on page 270 can help you.

SONG 1

**The Climb** (from *Hannah Montana: The Movie* soundtrack)

[...]  
 The struggles I'm facing  
 The chances I'm taking  
 Sometimes might knock me down  
 But no, I'm not breaking  
 I may not know it  
 But these are the moments  
 That I'm gonna remember most, yeah  
 Just gotta keep goin'  
 And I, I gotta be strong  
 [...]

From: <www.azlyrics.com/lyrics/miley Cyrus/theclimb.html>. Accessed on: Mar. 20, 2020.

SONG 2

**Rise** (by Katy Perry)

I won't just survive  
 Oh, you will see me thrive  
 Can't write my story  
 I'm beyond the archetype  
 I won't just conform  
 No matter how you shake my core  
 'Cause my roots - they run deep, oh  
 [...]

From: <www.azlyrics.com/lyrics/katyperry/rise.html>. Accessed on: Mar. 20, 2020.

TIP

Em letras de música, é muito comum encontrar **variação** linguística, como abreviações e contrações. Na canção "*Rise*", encontramos um exemplo: **'cause** (= *because*). Você conhece outros exemplos de variação linguística em letras de música em inglês ou português?

Resposta pessoal.

a. "The Climb" and "Rise" are pop songs.; b. Optimistic.; c. Suggested answers: They are about overcoming difficulties./They are about strong people.; d. Personal answers.; e. Personal answers.

a. Based on the recording, what kind of song (pop, rap, rock, etc.) is "The Climb"? What about "Rise"?

b. What is the tone of the songs: optimistic or pessimistic?

c. What do the lyrics of "The Climb" and "Rise" have in common?

d. Do you know any other songs (in English or in Portuguese) that have the same topic/message? If so, which one(s)?

e. What's your favorite song in English? What is it about?

Para auxiliar os alunos a realizarem a entrevista proposta no exercício 2, lembre-os de que o exercício 1 de *Pre-Reading* apresenta uma relação de tipos de música, que pode ser consultada.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

**Fonte:** *English Vibes for Brazilian Learners* (Franco; Tavares, 2020, p. 146)

Nesta atividade, os alunos são requeridos a escutá-las em pares e a responder algumas perguntas de cunho discursivo, como: qual o gênero de cada música, se são músicas de tom otimista ou pessimista, o que as letras têm em comum, se eles conhecem outras músicas, seja em português ou inglês, que tratam de tópicos semelhantes às músicas em questão, qual a música preferida deles, entre outras. Tais perguntas são essenciais para uma melhor interpretação por parte dos alunos, motivando-os a falar sobre seus gostos musicais enquanto possibilita que eles recorram à língua inglesa para se expressarem. Além das perguntas supracitadas, destacamos a presença de uma dica, intitulada *Tip*, enfatizando ser comum encontrarmos variações linguísticas em músicas, como abreviações e contrações, mais uma vez, focando somente na variação de escrita informal ou formal. Há também uma pergunta direcionada aos alunos, para verificar se eles

conhecem outros exemplos de variação linguística em letras de músicas em inglês ou português.

Embora seja evidente a iniciativa dos autores em questionar os alunos se eles conhecem outros tipos de variações linguísticas em músicas, nota-se a necessidade de um aprofundamento maior nesse aspecto. Ademais, os autores não se aprofundam na questão e tampouco fornecem exemplos que favoreçam discussões mais abrangentes sobre as variedades linguísticas. O foco recai exclusivamente em aspectos como abreviações e contrações presentes na língua inglesa em contextos informais, como *gotta*, *gonna*, *'cause*, *won't* e *can't*, como vistos na figura acima. Assim, reflete-se uma concepção de língua restrita às suas estruturas gramaticais, desconsiderando seu uso diversificado, como destacado por McKay e Hornberger (1996) e Bagno (2007), não promovendo, assim, uma visão mais ampla da língua inglesa como um meio de comunicação global, cujo uso se dá por meio de falantes de diferentes línguas com propósitos comunicativos específicos, como explicitado pela BNCC (Brasil, 2018).

Outro aspecto a ser considerado é que os autores não destacam, de fato, as variações linguísticas na oralidade, especialmente em uma atividade com ênfase no *listening*, como é esperado. Observa-se que o foco não está voltado às variações linguísticas, apesar de um comentário a respeito ser oferecido como exemplo para o professor. Essas variações, porém, não são enfatizadas na prática, o que se evidencia pela ausência de músicas com diferentes sotaques, que poderiam divergir da variante de prestígio discutida anteriormente. Nessa perspectiva, o ensino de oralidade desta atividade se distancia da nossa categoria de análise, que diz respeito à abordagem de ensino da língua inglesa sob a visão de uso diversificado, contemplando não apenas estruturas gramaticais, mas também diferentes sotaques, pronúncias e usos conforme os mais variados contextos.

Com base nisso, identificamos a terceira ocorrência da abordagem de ensino das variedades linguísticas, que está presente na Unidade 8 (Figura 4), iniciada na página 152, denominada de “*A Matter of Time*”, na seção *Reading Comprehension* nas páginas 154-155, cujo objetivo é apresentar, sistematicamente, atividades com estratégias de leitura diversificadas, como pontuado pelos autores.

A atividade inicia-se com um momento de *pre-reading*, visando explorar e ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema e o gênero do texto. Isso contribui para que eles formulem hipóteses sobre o conteúdo a ser lido, facilitando a

sua compreensão textual. Há algumas imagens ilustrativas sobre eventos que os adolescentes podem desejar para seus futuros, como viajar, finalizar os estudos, abrir seu próprio negócio, mudar-se para uma nova casa, conseguir um trabalho e começar seu primeiro estágio.

Nesta atividade, na questão 1, os alunos devem ligar as orações e frases em inglês às imagens com cada ação realizada, exigindo deles um nível de conhecimento prévio da língua inglesa mais aprofundado. Em seguida, na questão 2, os alunos devem, em duplas, conversar sobre suas expectativas para o futuro, conectando-as às imagens previamente discutidas ou criando novas perspectivas de acordo com seus próprios desejos e anseios. Ao fazer isso, eles podem recorrer à página 271, intitulada *Useful Language*, caso necessitem de ajuda com o vocabulário para formular novas frases. Logo após esse momento, há algumas frases de cunho interpretativo para os alunos poderem prever do que se trata o texto da página seguinte, como qual é o público alvo do texto, qual tópico é abordado pelo autor do texto, entre outras. Abaixo a Figura 6 com o respectivo texto:

**Figura 6 - Texto sobre paciência e individualidade em conquistas**

Em Reading, o objetivo da primeira leitura é verificar se as previsões feitas se confirmam. Oriente os alunos a se apoiarem no vocabulário já conhecido. Destaque ainda que um texto pode ser lido com diferentes objetivos. Esta subseção engloba tanto a compreensão geral quanto a compreensão de informações específicas do texto.

**READING** Comente com os alunos que, por se tratar de uma revista publicada no Reino Unido, a grafia da palavra *emphasised* é com o sufixo *-ise*. Em inglês estadunidense, por exemplo, a mesma palavra é formada pelo acréscimo do sufixo *-ize* (*emphasized*). Explique que esse é um exemplo de variação linguística.

**Language Note**  
emphasise (BrE) =  
emphasize (AmE)

**4** Read the text below to check your predictions.

**YOUR TIME WILL COME**

In the race to notch up achievements and reach milestones, it's easy to feel that you're lagging behind. Rather than rushing to catch up or wishing you were the same as others, embrace who you are and go at your own pace

From the minute a human is born, a lifetime of milestones stretches ahead of them. Parents are told when to expect their baby to sit up, crawl, walk, talk, but it's also emphasised that these are only guidelines. Some babies will reach these stages months before - or after - what is considered to be the norm, but each child is different. All being well, however, they'll get there in the end.

Such milestones continue throughout life. In the early years, they mostly mark physical and mental development, but after that they tend to chart a person's personal growth and attainments, largely as society defines them. Some of the markers that might fall into this category include first solo train trip, first kiss, first relationship, first job, moving into your own first home and, for many, a union with someone special and a family.

All of these are, of course, hugely significant events, but the important thing to remember is that just like walking and talking, people experience them at different ages. Human beings are unique - we're not mass-produced by a machine - and there are no battery-operated buttons that you can press to switch on your body's magic mechanisms for physical change or emotional readiness to spread your wings. [...]

Comente com os alunos que o exercício 5 apresenta uma questão com estrutura semelhante à das questões encontradas na prova do Enem e pode ajudá-los a se familiarizarem com esse exame.

From: TEEN Breathe Magazine (UK). "Issue 17". Lewes: GMC Publications Ltd, 2019, p. 44-45.

lag behind: ficar para trás • notch up: acumular • race: corrida • reach: alcançar

ORIGINAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

EDITORA DE ARTE

**Fonte:** *English Vibes for Brazilian Learners* (Franco; Tavares, 2020, p. 155)



Ao apresentarem o texto presente na subseção *Reading* (p. 155), os autores fornecem comentários destinados ao professor, sugerindo que oriente os alunos a se apoiarem no vocabulário que eles já conhecem. Destacam, ainda, que o texto pode ser lido com diferentes objetivos, sejam eles mais gerais ou específicos, como entender o sentido amplo do texto ou informações mais pontuais, como dados e respostas. Em um desses comentários, os autores destacam que se trata de um texto publicado no Reino Unido, e por isso há a presença do sufixo *-ise* na palavra *emphasise*, enquanto nos Estados Unidos a palavra seria escrita com o sufixo *-ize* no final, como em *emphasize*. Eles ressaltam que a escrita dessa palavra difere entre o inglês do Reino Unido e o dos Estados Unidos, e sugerem que o professor comente sobre isso com os alunos, explicando que é um exemplo de variação linguística.

Em relação ao texto, após a leitura feita pelos alunos, na questão 5, eles devem marcar a opção relacionada à ideia que o autor quer transmitir, como: a) cada pessoa tem seu próprio tempo; b) antecipar fases na vida ou a realização de eventos é inevitável; c) as pessoas se comparam às outras quando entram na fase adulta; d) nem todas as crianças passam pelas mesmas fases de desenvolvimento físico e mental; e) as pessoas precisam de constantes desafios para acumularem diferentes conquistas. Ao lado da questão, há um comentário para o professor, sugerindo que ele informe aos alunos que a questão discutida é semelhante às propostas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Essa atividade de compreensão textual direciona os alunos ao propósito interpretativo do ENEM, enquanto os fornece uma gama de possibilidades no texto, conscientizando-os de que nem sempre conseguirão alcançar objetivos ou conquistas impostas pela sociedade. Essa atividade proporciona maior conforto aos alunos, possibilitando uma perspectiva mais empática e humana.

Contudo, embora a atividade abranja assuntos relevantes para os alunos, os autores destacam, mais uma vez, a presença da variação linguística no sentido estrutural das palavras, ficando clara a necessidade de uma maior profundidade na discussão, visto que não identificamos tal aprofundamento. Assim, ao enfatizarem a variação linguística na escrita, concentrando-se apenas nas duas variedades de prestígio (britânica e estadunidense), os autores incorrem no que a BNCC (Brasil, 2018) critica, que diz respeito à abordagem de ensino da língua inglesa sob uma

perspectiva limitada às variantes dos Estados Unidos, a SAE, e do Reino Unido, a RP. Além disso, é de fundamental importância que o ensino da língua inglesa, assim como de qualquer outra língua, não seja baseado apenas em elementos estruturais e gramaticais, mas que também forneça uma visão mais ampla sobre seus diversos usos, para os alunos perceberem a língua como uma prática social e cotidiana, como discutido anteriormente.

Com isso, apesar de fornecerem um comentário destacando um exemplo de variação linguística, mais uma vez, observamos que essa orientação não se manifesta de forma prática e visível nos textos e atividades destinados aos alunos. Assim, a inclusão de trechos, áudios e atividades de leitura e escuta que apresentem diferentes variantes, além das já destacadas anteriormente, permitiria que os alunos compreendessem as nuances lexicais e gramaticais da língua inglesa de uma forma mais diversificada. Além disso, momentos de reflexão comparativa sobre essas variantes poderiam aprofundar a compreensão dos alunos sobre como o inglês é moldado culturalmente em cada contexto. Dessa forma, o conteúdo se tornaria não apenas informativo, mas uma prática ativa de interculturalidade e diversidade linguística, proporcionando uma experiência de aprendizado mais abrangente e realista aos alunos.

Em decorrência disso, identificamos a quarta e última ocorrência dessa abordagem — seja em atividades de *listening*, *cartoons*, *comic strips*, questões e textos do livro — ainda na Unidade 8 (Figura 4), na seção *Language in Use* que começa na página 158, abordando o assunto “*Future with will/be going to*”. Nesta seção, o objetivo é aprimorar os conhecimentos linguísticos por meio de situações de uso da língua, como destacado pelos autores. Eles ainda sugerem que o professor oriente os alunos a inferir as regras por meio de observações dos exemplos presentes nas questões. Na questão 1 da atividade, é pedido que os alunos leiam fragmentos do texto “*Your Time Will Come*” (Figura 6), presentes logo abaixo da questão, com exemplos como: “*your time will come*”, “*some babies will reach these stages months before [...]*” e “[...] *they’ll get there in the end*”.

Assim, a partir desses fragmentos, os alunos devem marcar as alternativas corretas sobre o uso da palavra “*will*” e qual verbo utilizar após essa palavra, se no *simple present* ou no *infinitive*. Após isso, há a questão 2, que pede para os alunos reescreverem as frases que estão logo abaixo (a. “[...] *you are giving a portion of your life that you will never get back*”, b. “*the time to act will never be right, make your*


*move before you are ready [...]*”), modificando a parte que contém “*will never*” para “*will not/won’t*”. Já na questão 3, é apresentado o texto “*I, Too*”, de Langston Hughes, um texto relevante do movimento cultural *Harlem Renaissance*, que aborda a desigualdade racial, identidade e luta por direitos iguais nos Estados Unidos, por volta da década de 1920. Nesta questão, os alunos devem identificar o tema e o autor do poema, enquanto refletem sobre a sua importância em discussões da atualidade, descrevendo também se eles concordam com o poema e o que eles pensam sobre a atitude do autor. Enquanto nas questões 4 e 5, os alunos devem escolher alternativas que melhor se encaixam com o poema, como se o poema apresenta rimas, contrações, linguagem do dia a dia, juntamente com alternativas que melhor descrevem o uso da palavra “*will*”. Após essas questões, identificamos a *comic strip* (Figura 7), foco da nossa análise:

Figura 7 - Questões interpretativas da *comic strip*

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO D  
REPRODUÇÃO PROIE

Now read the comic strip on the right and do exercises 6, 7 and 8 in your notebook.

From: <www.cartoonstock.com/directory/tr/reclaiming\_yourself.asp>. Accessed on: Mar. 11, 2020.



Para ampliar a exploração da tirinha, peça aos alunos que expliquem o efeito de humor causado pela resposta da menina nos dois últimos quadrinhos. Espere-se que eles percebam que o humor se deve ao fato de a resposta dela ser inesperada. Em geral, as pessoas falam de uma profissão ao dizerem que sabem o que vão ser quando crescerem, mas a menina diz que será ela mesma, apenas mais inteligente, mais velha, mais alta e mais sábia.

**6** Choose the correct statements about the comic strip.

- a. The text shows a conversation between father and daughter.
- b. Gracie is not able to understand what she is going to be in the future.
- c. According to Gracie, she is going to be more intelligent when she gets older.
- d. **Figure out** and **grow up** are the two multi-word verbs used in the text.

**7** Focus on the second panel and choose the correct item that completes each statement below.

- a. In “I’m gonna be”, the verb form **’m gonna be** is used
  - I. to talk about intentions about the future.
  - II. to talk about promises about the future.
- b. The expression used to refer to the future is
  - I. “I know exactly”.
  - II. “when I grow up”.

**8** What about you? What are you going to be/do when you grow up? In your notebook, write sentences about you.

Personal answers.

**Language Note**

In spoken language, it is very common to use **going to** as **gonna**:

*She’s gonna be smarter when she grows up.*  
(= *She’s going to be smarter when she grows up.*)

*What are you gonna do?*  
(= *What are you going to do?*)

*I’m not gonna tell you.*  
(= *I’m not going to tell you.*)

Go to Language Reference + Extra Practice on page 296.

\*Comente com os alunos que, em cartuns, tanto em inglês quanto em português, é muito comum encontrar variação linguística, como abreviações e contrações, que são frequentemente utilizadas na linguagem coloquial. No cartum, encontramos um exemplo: **gonna** (= *going to*). Pergunte aos alunos se eles conhecem outros exemplos de variação linguística desse tipo em inglês ou português. **Unit 8 159**

Fonte: *English Vibes for Brazilian Learners* (Franco; Tavares, 2020, p. 159)

Na questão 6, os alunos devem escolher as opções corretas acerca da *comic strip* (tirinha). As alternativas destacam desde os personagens presentes na tirinha ao uso dos verbos *multi-word*, mais conhecidos como *phrasal verbs*. Além disso, há

a presença de um comentário fornecido ao professor, o auxiliando em como ampliar a visão dos alunos sobre o humor presente nas respostas da garota, destacando, também, que é esperado que os alunos percebam o humor nas respostas inusitadas da garota. Já na questão 7, eles devem marcar as alternativas que dizem respeito ao uso da contração “*m gonna be*”, uma forma majoritariamente usada na língua falada, ou seja, na oralidade, da frase “*I’m going to be*”, tendo o uso exemplificado na *box* intitulada *Language Notes*, fornecida pelos autores. Por último, há a questão 8, que espera dos alunos respostas pessoais sobre o que eles querem ser quando crescer. Nessa questão, os alunos devem escrever frases/orações em seus cadernos.

Por fim, no final da página, observamos um último comentário dos autores, sugerindo que o professor discuta com os alunos que é comum a presença de variações linguísticas em cartuns, tanto em inglês quanto em português, mais uma vez permanecendo no plano de exemplos e não sendo efetivado na prática. Eles mencionam o uso frequente de abreviações e contrações na linguagem coloquial e na oralidade. No entanto, fica evidente que os autores mantêm-se focados em aspectos estruturais da língua, sem explorar a aplicabilidade dessas variações no contexto real de uso pelos falantes. Essa abordagem limita a visão da língua ao restringi-la a uma concepção estática, indo em sentido contrário ao que é proposto pela BNCC (Brasil, 2018), que considera a língua inglesa como diversa e intercultural, enquanto reconhece, também, as variações linguísticas como manifestações da identidade das pessoas e culturas que fazem uso dela ao redor do mundo.

Outro ponto relevante é a tendência dos autores de limitar as variações linguísticas a gêneros textuais específicos ou a estruturas gramaticais. Isso contrasta com a natureza dinâmica e fluida da língua, como indicado no Quadro 2 das categorizações de análise. Dessa forma, ao enfatizarem exclusivamente aspectos gramaticais e estruturais, os autores promovem uma abordagem unilateral de ensino, que se distancia do uso real da língua como prática social, proposta por Bakhtin (1986), ignorando sua integração aos contextos e interações cotidianas. Tal abordagem pode dificultar o engajamento dos estudantes e limitar sua capacidade de compreender as diversas nuances e riquezas da língua inglesa como um idioma global. Além disso, ao negligenciar discussões mais amplas sobre os diversos

contextos e usos da língua, os autores acabam promovendo uma visão limitada e desconectada da realidade social na qual o inglês é praticado.

À luz das informações apresentadas, torna-se evidente que a limitação das variações linguísticas a estruturas gramaticais específicas, como abreviações e contrações, restringe a visão do inglês como uma língua global, intercultural, viva e adaptável aos contextos e necessidades sociais de seus falantes. Assim, na subseção a seguir, apresentamos um protótipo de ensino fundamentado nas propostas de atividades contidas no LD, que sugere uma possível ampliação dessa abordagem, incorporando uma perspectiva mais inclusiva e dinâmica sobre as variações linguísticas da língua inglesa.

#### **4.2 Protótipo de ensino a partir das atividades propostas no LD *English Vibes for Brazilian Learners***

Nesta subseção, propomos uma aula que aborde as variações linguísticas de uma forma mais inclusiva, simples e dinâmica, apoiando-nos em nosso terceiro objetivo específico, o de sugerir um protótipo de ensino como alternativa para a inclusão das variações linguísticas nas práticas pedagógicas, a partir das propostas de atividades no livro didático analisado, para promover o desenvolvimento da competência comunicativa e a valorização da diversidade sociocultural e linguística dos alunos.

Dessa forma, após a sugestão do protótipo de ensino, verificamos e analisamos aspectos que estão subjacentes ao protótipo sugerido, considerando a diversidade linguística, social e cultural, com base nas variações linguísticas. Tendo isso em vista, a seguir apresentamos o Quadro 3 com a nossa proposta:

**Quadro 3** - Protótipo de ensino como sugestão de inclusão das variações linguísticas

<b>PLANO DE AULA</b>	
<b>Série escolar:</b>	Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª Séries).
<b>Nível de inglês:</b>	Básico A2 (CEFR, pré-intermediário).
<b>Título da aula:</b>	Variações linguísticas: identidades e valores sociais.
<b>Duração:</b>	Em torno de 1h40min (duas aulas de 50min cada).
<b>Nº de estudantes:</b>	Por volta de 35 alunos.
<b>Avaliação:</b>	Contribuições dos alunos para o desenvolvimento de discussões e atividades realizadas em sala de aula. Engajamento ativo dos estudantes ao longo do processo educacional, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa.
<b>Objetivo geral:</b>	Promover uma compreensão inclusiva das variações linguísticas e desenvolver a competência comunicativa dos alunos, destacando a importância da diversidade linguística e sociocultural nas práticas de comunicação.
<b>Objetivos específicos:</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Identificar e comparar diferentes variações linguísticas do inglês e do português, reconhecendo as especificidades culturais e sociais associadas a cada uma;</li> <li>2. Analisar e interpretar o poema “<i>I, Too</i>”, de Langston Hughes, compreendendo como ele expressa questões de identidade e inclusão através da linguagem;</li> <li>3. Explorar e refletir sobre o uso da variante AAVE e outras variantes do inglês, equiparando-as às variações regionais do português falado no Brasil;</li> <li>4. Refletir acerca das diversidades linguísticas, desenvolvendo uma postura crítica e inclusiva em relação às diferentes formas de expressão linguística da língua inglesa, juntamente com as do português, ampliando o respeito pela identidade cultural dos falantes de cada variante.</li> </ol>
<b>Conteúdos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Equidade e direitos iguais;</li> <li>• Exclusão social e preconceito racial;</li> <li>• Resiliência, resistência e identidade;</li> <li>• As diferenças do uso do <i>Simple Present</i> com base em diferentes variedades linguísticas;</li> <li>• Valorização das variedades linguísticas como formas identitárias e patrimônio cultural.</li> </ul>
<b>AULA 1 (50min)</b>	
	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>(10 min):</b> A aula é iniciada pelo professor com os seguintes questionamentos: “<i>Is the English you hear in movies and songs always the same?</i>”, “<i>Is the Portuguese we speak here the same as in the Southeast, South, or in Portugal?</i>”. Os alunos são requeridos a responder esses questionamentos, acompanhados de uma breve explicação por parte do professor de que, assim como no português, o inglês</li> </ol>

<p><b>Procedimentos:</b></p>	<p>também possui variantes linguísticas e culturais;</p> <p>2. <b>(17 min):</b> Após esse momento de interação com os alunos, o professor exhibe alguns vídeos curtos das plataformas <i>TikTok</i> e <i>YouTube</i>, demonstrando brevemente as diferenças entre os sotaques americano (estadunidense), de algumas regiões (<i>New York, Boston, Southern</i> e <i>Southern Gentry</i>), o afro-americano, o britânico e o indiano, enquanto discute com os alunos as diferenças de sotaques e algumas diferenças gramaticais presentes em cada variante. Para isso, o professor pode utilizar alguns exemplos, como a forma em que o <i>Simple Present</i> é utilizado na variante AAVE, como <i>double negation</i>, o verbo <i>to be is</i> após o pronome <i>you</i>, entre outros. Dessa forma, os descrevendo e os contrastando no quadro. Os <i>links</i> dos vídeos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVy5NyE/">https://vm.tiktok.com/ZMhVy5NyE/</a>,</li> <li>2. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyq2p7/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyq2p7/</a>,</li> <li>3. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyHHys/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyHHys/</a>,</li> <li>4. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyS4fj/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyS4fj/</a>,</li> <li>5. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyxyv1/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyxyv1/</a>,</li> <li>6. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVymVjR/">https://vm.tiktok.com/ZMhVymVjR/</a>,</li> <li>7. <a href="#">India vs America Accent Challenge - YouTube</a>,</li> <li>8. <a href="#">Indian vs American Pronunciation! Programming World! #coder #developer - YouTube</a>;</li> </ol> <p>3. <b>(15 min):</b> Após esta breve explicação, o professor pode apresentar o poema “<i>I, Too</i>”, de Langston Hughes, explorando o contexto em que o poema foi escrito e sobre o autor, em seguida distribuindo cópias para os alunos, juntamente com a apresentação de um vídeo do <i>YouTube</i> acerca do poema: <a href="https://youtu.be/i5qC-Ncn6rg?si=Hy1pG8nxRmx3EWDI">https://youtu.be/i5qC-Ncn6rg?si=Hy1pG8nxRmx3EWDI</a>. Eles devem formar grupos de cinco para ler o poema e discuti-lo com seus grupos. Após a leitura, os alunos devem compartilhar sua interpretação sobre o tema do poema, seguida de uma breve explicação do professor sobre o movimento <i>Harlem Renaissance</i>;</p> <p>4. <b>(8 min):</b> Neste momento, o professor pode explicar aos alunos que a língua serve não somente como meio de comunicação, mas também para reivindicar e resistir a estereótipos e exclusões, destacando que a língua é um instrumento de resistência, recapitulando o que foi discutido no poema trabalhado.</p>
<p><b>AULA 2 (50min)</b></p>	
	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>(12 min):</b> A partir das discussões da Aula 1, o professor pode trazer pequenos textos ou poemas escritos na variante AAVE, como o poema “<i>We Real Cool</i>”, de Gwendolyn Brooks, por exemplo. O professor pode distribuir o poema em pequenas folhas, juntamente com o áudio fornecido pelo site “<i>Poetry Foundation</i>”, enquanto solicita que os alunos leiam em grupo e interpretem o texto, destacando o tema, a mensagem e o tom do poema, seguida de uma leitura feita pelo professor;</li> <li>2. <b>(15 min):</b> Após esse momento, o professor pode pedir para</li> </ol>

<p><b>Procedimentos:</b></p>	<p>os alunos listarem gírias e expressões que eles conhecem em português, com base em seus conhecimentos prévios. Eles devem identificar e listar essas palavras em grupo, seguindo a mesma abordagem da primeira aula. Após isso, eles devem compartilhar todas as palavras que listaram com o restante da turma;</p> <p>3. <b>(13 min):</b> Após discutir com os alunos as palavras que eles compartilharam, o professor pode indagá-los sobre produtos e estabelecimentos em inglês que eles possivelmente conhecem, ou não. Ele pode perguntá-los se eles possuem alguma roupa com algo escrito em inglês, se conhecem algum jogo em que eles têm contato com o inglês, entre outros. O professor, então, pode pedir aos alunos para escreverem as palavras que eles conhecem do idioma, desde estampas em roupas aos nomes de estabelecimentos ou redes sociais;</p> <p>4. <b>(10 min):</b> Por fim, o professor pode questioná-los se eles sabem a razão pela qual o inglês está tão presente em nossas práticas cotidianas, fornecendo em seguida uma breve contextualização acerca do poder e uso global que o idioma possui, juntamente com uma breve síntese de tudo que já foi discutido no decorrer das duas aulas. Dessa forma, destacando não haver apenas um tipo de inglês, os expondo, assim, ao termo “<i>Englishes</i>”, comumente associado às inúmeras variantes da língua inglesa pelo mundo.</p>
<p><b>Exercício para casa:</b></p>	<p>O professor pode propor uma atividade de pesquisa onde os alunos explorem variações linguísticas que eles já conhecem ou incentivá-los a buscar novas variações. É esperado que os estudantes tragam materiais autênticos, como músicas, vídeos, diálogos ou outros gêneros que forneçam exemplos dessas variações linguísticas e compartilhem com o restante da turma.</p>
<p><b>Problemas antecipados e suas possíveis soluções:</b></p>	<p>Pelo menos três problemas principais podem surgir:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Primeiro, se a turma tiver mais de 25 alunos, pode não haver tempo suficiente para cobrir todas as partes da aula adequadamente. Por isso, as discussões e atividades são realizadas em grupos, para que todos os alunos possam participar;</li> <li>2. O segundo problema pode estar relacionado à percepção que os alunos podem ter em relação às demais variantes, por isso se faz necessário que o professor desmistifique essa percepção e forneça exemplos variados sobre essas diversidades linguísticas, os conscientizando sobre a importância das diferenças e a de considerarem todas as formas de expressões linguísticas existentes, desde que sejam inteligíveis, ou seja, compreensíveis;</li> <li>3. O terceiro problema envolve as diferenças nos níveis de inglês dos alunos. Para lidar com isso, o professor pode adotar abordagens diferenciadas e promover atividades colaborativas, permitindo que os alunos aprendam uns com os outros e superem as disparidades de nível.</li> </ol>



<b>Recursos:</b>	Televisão, <i>Internet</i> , vídeos do <i>TikTok</i> e <i>YouTube</i> , poemas, quadro, pincel, folha, caderno e lápis.
------------------	---

### REFERÊNCIAS

ALEFF, Teacher. **American x British**. TikTok, 19 set. 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVymVjR/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

ANT, Nick and. **okay but which accent do you prefer?!**. TikTok, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyxyv1/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

BROOKS, Gwendolyn. We Real Cool. **Poetry Foundation**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/poems/28112/we-real-cool>. Acesso em: 06 nov. 2024.

COLLINS, English with. **USA AAVE English**. TikTok, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyq2p7/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

FAMILY, Kumaar. **India vs America Accent Challenge**. YouTube, 23 maio 2023. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/ag5caX7SzHc?si=NkLkokGIotaFjhHQ>. Acesso em: 06 nov. 2024.

FRED, Teacher. **happy black awareness day**. TikTok, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyHHys/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

GREEN, Tommy James. **Your #friendlyneighborhood #accents guy is #back with a quick tour through #theunitedstates !!**. TikTok, 01 maio 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVy5NyE/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

HUGHES, Langston. I, Too. **Poetry Foundation**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/47558/i-too>. Acesso em: 06 nov. 2024.

KIKI6, Teacher. **Black English VS Standard English**. TikTok, 31 out. 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyS4fj/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

MARCO LEARNING. **Langston Hughes - I, Too**. YouTube: 21 fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/i5qC-Ncn6rg?si=5Cp2CzApPHPn9y4o>. Acesso em: 06 nov. 2024.

USA, Singh in. **Indian vs American Pronunciation! Programming World!**. YouTube, 01 jan. 2024. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/aw6-YXe -Fc?si=1ANvdFnu hLVKxOV>. Acesso em: 06 nov. 2024.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Conforme o protótipo apresentado, podemos observar que há um momento de aquecimento, no qual é esperado a participação ativa dos alunos ao responder aos questionamentos propostos pelo professor. Ao questionar se os alunos percebem diferenças presentes no inglês que eles escutam cotidianamente, juntamente com o questionamento acerca da percepção que eles têm sobre as

diferenças de sotaques em seu próprio idioma, o professor fornece melhor compreensão sobre o que será abordado, relacionando o assunto da aula com o conhecimento prévio deles.

Assim, fornecendo uma boa contextualização e intertextualidade, conectando o conteúdo da aula com as vivências dos alunos, como fundamentado por Freire (1987). Esse aquecimento inicial permite que os alunos reflitam sobre as variedades linguísticas de forma comparativa e familiar, enquanto é construída uma base que facilita a compreensão em relação às diferenças linguísticas, tanto no inglês quanto em sua língua materna, o português.

Subsequentemente, ao apresentar alguns vídeos das plataformas nas quais eles são habituados, como o *TikTok* e o *YouTube*, o professor pode conseguir fazer com que os alunos prestem atenção aos vídeos, especialmente por se tratar de vídeos divertidos de pessoas comparando seus sotaques e pronúncias em diferentes variantes da língua inglesa. Após isso, o professor pode apresentar algumas palavras diferentes no quadro, com o propósito de mostrá-los que elas mudam em algumas variantes, como “*sidewalk*” e “*pavement*”, por exemplo.

Assim, o professor ainda pode destacar as diferenças presentes na variante de prestígio, a SAE, como “*she is working/you’re about to know*”, contrastando com a variante estigmatizada, a AAVE, como “*she be working/you’s about to know*”, entre outras. É válido pontuar que o foco da aula não deve ser gramatical, mas que é necessário destacá-la de forma contextualizada, com o intuito de facilitar a aprendizagem dos alunos consoante essas diferenças linguísticas. Com isso, é necessário ter em mente que a gramática servirá apenas como suporte para as explicações, não se tornando o centro norteador da atividade.

Uma maneira de enriquecer essa aula sobre o poema “*I, Too*”, de Langston Hughes, seria explorar explicitamente a relação entre o poema e as variações linguísticas, em particular a variante AAVE. Para além do que é proposto no LD, especificamente na página 158 da Unidade 8, o professor poderia aproveitar o poema não só como um texto para interpretação literária, mas também como uma porta de entrada para discutir questões sociolinguísticas. Assim, em vez de apenas solicitar que alunos interpretem o poema e avaliem se concordam ou não com a mensagem do autor, o professor pode se aprofundar em questões históricas e culturais, como o contexto do *Harlem Renaissance*, o movimento do qual o poema faz parte, e a trajetória do autor.

Essa abordagem permite que os alunos compreendam melhor quem era Langston Hughes e o que o motivou a escrever “*I, Too*”. Desse modo, ao discutir o contexto e a linguagem do poema, o professor pode expor a AAVE como uma variante do inglês que não apenas reflete uma herança cultural específica, mas que também serve como uma marca identitária e um símbolo de resistência. Assim, o estudo do poema em sala se transforma em uma análise crítica sobre como a AAVE, muitas vezes marginalizada e estigmatizada, é uma forma legítima e significativa de expressão.

Além disso, essa abordagem promove um ambiente de discussão que conscientiza os alunos sobre os preconceitos linguísticos e a exclusão social. Ao final da aula, o professor pode destacar que a língua é mais que um instrumento de comunicação, mas também de luta, resistência, resiliência, transformação e empoderamento. Essa reflexão final é essencial para os alunos perceberem a língua como uma expressão de identidade e resistência, ampliando sua compreensão acerca das variações linguísticas e das complexas relações entre linguagem e sociedade.

Em continuidade às discussões propostas na primeira aula, o professor pode fornecer pequenos textos ou poemas escritos na variante AAVE. Ao optar por abordar esses textos, o professor pode reforçar para alunos de que as escritas nesse estilo não devem ser vistas como erros, mas sim como variações linguísticas legítimas que refletem diferentes formas de expressão e identidade, que servem para evidenciar inúmeros usuários dessa variante. É essencial que os alunos não sejam expostos somente ao plano escrito, mas que o professor os apresente, também, ao auditivo, fornecendo-os áudios dos textos apresentados, como exposto no plano de aula acima, em decorrência do *listening*, essencial para uma melhor compreensão e familiarização com a variação linguística apresentada, seja ela qual for.

Em decorrência disso, após essas discussões, o professor pode solicitar que os estudantes pensem e listem as variações linguísticas presentes na língua portuguesa, como a diferença de determinadas palavras faladas na Paraíba, em contraste com Pernambuco, como tangerina, mexerica, laranja-cravo, etc., pirulito, pelota, entre outros, ou em relação a outras regiões do Brasil. Essa atividade é essencial para discutir variações linguísticas, já que é o momento em que eles podem se divertir em grupo, trocando ideias e experiências. Essa abordagem

intertextual tem o potencial de fazê-los refletir sobre essas diferenças tanto na língua alvo quanto em sua língua materna, possibilitando melhor integração com o assunto e maior compreensão.

Em seguida, após esse momento de partilha e participação dos alunos, o professor pode fornecer outra atividade, com a intenção de fazê-los refletir sobre as inúmeras palavras da língua inglesa nas quais eles são expostos cotidianamente. Ao pensarem em palavras do idioma que eles estão habituados, como nomes de estabelecimentos, como “*shopping*”, “*McDonald's*”, “*barbershop*”, entre outras, juntamente com palavras estampadas em roupas, redes sociais e palavras usadas no cotidiano, como “*personal trainer*”, “*coach*”, etc., eles conseguem perceber a dimensão e proporção que o inglês possui, refletindo assim em seus amplos usos em um país que não tem a língua inglesa como primeira ou segunda língua, como o Brasil.

Conseqüentemente, após essas discussões enriquecedoras e motivacionais, o professor pode finalizar a aula indagando os alunos sobre esses usos, e se eles sabem a razão pela qual o inglês é tão presente no contexto atual. Após isso, o professor pode sintetizar tudo o que já foi discutido, enfatizando não haver apenas uma forma de falar, assim como não há apenas um tipo de inglês, os expondo ao termo “*Englishes*”, profundamente relacionado às inúmeras e incontáveis variações da língua inglesa ao redor do globo.

Dado o que foi discutido, é válido enfatizar que, por se tratar de uma proposta de aula, o protótipo apresentado aqui não abrange a totalidade das variedades linguísticas da língua inglesa. Essa limitação ocorre devido ao tempo reduzido de apenas duas aulas, tornando inviável uma abordagem aprofundada de outras variantes. Sendo assim, para que as diferentes variedades do inglês sejam contempladas de forma mais adequada e aprofundada, é essencial que o LD as inclua de maneira consistente ao longo de todas as unidades, integrando-as nas atividades propostas, especialmente nas atividades com foco na compreensão oral, capacitando-os a reconhecer e interagir com diversos sotaques, expressões e estruturas linguísticas.

Dessa forma, a seguir são apresentadas as considerações finais, juntamente com os resultados de todas as discussões fornecidas até aqui.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, discutimos a importância da inclusão das variações linguísticas nos materiais didáticos, bem como nas práticas pedagógicas, destacando como cada variante do inglês — não somente as de prestígio — contribui para a compreensão intercultural e para a ampliação das competências comunicativas dos alunos. Esta pesquisa buscou, sobretudo, evidenciar que o ensino de línguas deve acolher a diversidade como parte integrante e essencial do processo de ensino-aprendizagem, juntamente com a importância de discutir essas diversidades em sala de aula, propiciando aos alunos uma vasta gama de situações comunicativas e às diversas variedades linguísticas da língua.

Não obstante, em conformidade com o objetivo geral desta pesquisa, o de investigar de que forma as variações linguísticas se manifestam no livro didático de inglês *“English Vibes for Brazilian Learners”*, concluímos que não há uma abordagem concreta e eficaz que integre essas variações de maneira inclusiva, já que o LD se detém a estruturas gramaticais e às variantes de prestígio. Diante disso, embora o livro mencione as variações linguísticas, essa abordagem se restringe a comentários direcionados ao professor, sem oferecer um aprofundamento ou uma aplicação prática no LD que objetive envolver os alunos. Para chegar a essa conclusão, seguimos os objetivos específicos I e II: o primeiro visou identificar e analisar os tipos de variações linguísticas abordadas no livro, enquanto o segundo focou em examinar como o ensino dessas variações se relaciona com o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Diante disso, evidenciamos que as atividades apresentadas no LD não consideram as características do público-alvo, composto por alunos brasileiros, uma vez que não estimulam reflexões sobre o tema e tampouco oferecem atividades de intertextualidade para melhor compreensão e fruição acerca dos conteúdos propostos. Concluímos ainda que, para que o ensino das variedades linguísticas seja efetivo, é essencial que o professor não apenas compreenda essas limitações, mas que também reflita sobre elas e contribua ativamente para a implementação dessas discussões no cotidiano da sala de aula.

Além disso, reconhecemos as limitações desta pesquisa, seja em seu aprofundamento ou em analisarmos outras atividades com o propósito de conduzir

novas discussões. No entanto, esperamos que esta pesquisa contribua para o avanço de novas discussões acadêmicas no âmbito de Letras-Inglês, especialmente em relação à formação de professores, tanto ao nível de formação inicial quanto para profissionais em exercício, buscando promover a reflexão crítica e a valorização das variações linguísticas no ensino de língua inglesa. Dessa forma, busca-se não apenas enriquecer o campo acadêmico, mas também contribuir com uma base sólida para o aprimoramento das práticas pedagógicas em sala de aula.

Por fim, ao ensinarmos línguas, especialmente uma língua global como o inglês, devemos ter em mente que ela não se detém apenas a estruturas ou palavras, mas também a culturas, tradições e inúmeras comunidades espalhadas pelo mundo. A língua é composta de histórias, batalhas, relações de poder, resistência e memórias eternizadas. Ela, além de fazer parte das nossas práticas sociais e comunicativas, está intrinsecamente ligada às nossas identidades. Por isso, professores e professoras, é necessário que saiamos da nossa zona de conforto para ampliar tanto o nosso horizonte quanto o dos alunos, reconhecendo e valorizando a vasta diversidade e possibilidades que a língua oferece.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 49. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pontos nos ii.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 2. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. **Speech Genres and Other Late Essays.** Austin: University of Texas Press, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 maio 2024.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010, p. 69-79.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 2003.

CYRANKA, L.F.M. A pedagogia da variação é possível? *In*: FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola, 2015.

FRANCO, C. P.; TAVARES, K. C. A. **English Vibes for Brazilian Learners.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FULLER, J.M.; WARDHAUGH, R. **An Introduction to Sociolinguistics.** 7. ed. Wiley-Blackwell, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HARMER, J. **The Practice of English Language Teaching.** 5. ed. Pearson Longman, 2015.

JENKINS, J. **World Englishes: A Resource Book for Students**. 2. ed. London: Routledge, 2009.

KRAMSCH, C. Contexts of speech and social interaction. *In*: \_\_\_\_\_. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford University Press, 1988.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria M. P. Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIPPI-GREEN, R. **English with an Accent: language, ideology, and discrimination in the United States**. 2. ed. New York: Routledge, 2012.

MATTOS, P. L. C. L. “Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is de tal ressalva. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. spe1, p. 450-468, 2011.

MIGNOLO, W. D; WALSH, C. E. **On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

MCKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. **Sociolinguistics and Language Teaching**. New York: Cambridge University Press, 1996.

MCNAMARA, T. **Language and subjectivity**. Cambridge University Press, 2019.

MOREIRA, H; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SABACK ORR, L.; ALMEIDA, R. L. O Ensino da língua inglesa numa perspectiva intercultural. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, Alagoinhas, BA, v. 2, n. 2, p. 25–44, 2012. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/962>. Acesso em: 21 set. 2024.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEWELL, A. English as a lingua franca: ontology and ideology. **ELT Journal**, v. 67, 2013, p. 3-10. Disponível em: <https://academic.oup.com/eltj/article/67/1/3/437038>. Acesso em: 01 set. 2024.



## APÊNDICE - PROTÓTIPO SUGERIDO

**Quadro 3** - Protótipo de ensino como sugestão de inclusão das variações linguísticas

PLANO DE AULA	
<b>Série escolar:</b>	Ensino Médio (1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup> Séries).
<b>Nível de inglês:</b>	Básico A2 (CEFR, pré-intermediário).
<b>Título da aula:</b>	Variações linguísticas: identidades e valores sociais.
<b>Duração:</b>	Em torno de 1h40min (duas aulas de 50min cada).
<b>Nº de estudantes:</b>	Por volta de 35 alunos.
<b>Avaliação:</b>	Contribuições dos alunos para o desenvolvimento de discussões e atividades realizadas em sala de aula. Engajamento ativo dos estudantes ao longo do processo educacional, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa.
<b>Objetivo geral:</b>	Promover uma compreensão inclusiva das variações linguísticas e desenvolver a competência comunicativa dos alunos, destacando a importância da diversidade linguística e sociocultural nas práticas de comunicação.
<b>Objetivos específicos:</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>5. Identificar e comparar diferentes variações linguísticas do inglês e do português, reconhecendo as especificidades culturais e sociais associadas a cada uma;</li> <li>6. Analisar e interpretar o poema “<i>I, Too</i>”, de Langston Hughes, compreendendo como ele expressa questões de identidade e inclusão através da linguagem;</li> <li>7. Explorar e refletir sobre o uso da variante AAVE e outras variantes do inglês, equiparando-as às variações regionais do português falado no Brasil;</li> <li>8. Refletir acerca das diversidades linguísticas, desenvolvendo uma postura crítica e inclusiva em relação às diferentes formas de expressão linguística da língua inglesa, juntamente com as do português, ampliando o respeito pela identidade cultural dos falantes de cada variante.</li> </ol>
<b>Conteúdos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Equidade e direitos iguais;</li> <li>• Exclusão social e preconceito racial;</li> <li>• Resiliência, resistência e identidade;</li> <li>• As diferenças do uso do <i>Simple Present</i> com base em diferentes variedades linguísticas;</li> <li>• Valorização das variedades linguísticas como formas identitárias e patrimônio cultural.</li> </ul>
AULA 1 (50min)	
	<ol style="list-style-type: none"> <li>5. <b>(10 min):</b> A aula é iniciada pelo professor com os seguintes questionamentos: “<i>Is the English you hear in movies and songs always the same?</i>”, “<i>Is the Portuguese we speak here</i></li> </ol>

<p><b>Procedimentos:</b></p>	<p><i>the same as in the Southeast, South, or in Portugal?</i>". Os alunos são requeridos a responder esses questionamentos, acompanhados de uma breve explicação por parte do professor de que, assim como no português, o inglês também possui variantes linguísticas e culturais;</p> <p>6. <b>(17 min)</b>: Após esse momento de interação com os alunos, o professor exhibe alguns vídeos curtos das plataformas <i>TikTok</i> e <i>YouTube</i>, demonstrando brevemente as diferenças entre os sotaques americano (estadunidense), de algumas regiões (<i>New York, Boston, Southern</i> e <i>Southern Gentry</i>), o afro-americano (AAVE), o britânico e o indiano, enquanto discute com os alunos as diferenças de sotaques e algumas diferenças gramaticais presentes em cada variante. Para isso, o professor pode utilizar alguns exemplos, como a forma em que o <i>Simple Present</i> é utilizado na variante AAVE, como <i>double negation</i>, o verbo <i>to be is</i> após o pronome <i>you</i>, entre outros. Dessa forma, os descrevendo e os contrastando no quadro. Os <i>links</i> dos vídeos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVy5NyE/">https://vm.tiktok.com/ZMhVy5NyE/</a>,</li> <li>2. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyq2p7/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyq2p7/</a>,</li> <li>3. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyHHys/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyHHys/</a>,</li> <li>4. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyS4fj/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyS4fj/</a>,</li> <li>5. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVyxyv1/">https://vm.tiktok.com/ZMhVyxyv1/</a>,</li> <li>6. <a href="https://vm.tiktok.com/ZMhVymVjR/">https://vm.tiktok.com/ZMhVymVjR/</a>,</li> <li>7. <a href="#">India vs America Accent Challenge - YouTube</a>,</li> <li>8. <a href="#">Indian vs American Pronunciation! Programming World! #coder #developer - YouTube</a>;</li> </ol> <p>7. <b>(15 min)</b>: Após esta breve explicação, o professor pode apresentar o poema "<i>I, Too</i>", de Langston Hughes, explorando o contexto em que o poema foi escrito e sobre o autor, em seguida distribuindo cópias para os alunos, juntamente com a apresentação de um vídeo do <i>YouTube</i> acerca do poema: <a href="https://youtu.be/i5qC-Ncn6rg?si=Hy1pG8nxRmx3EWDI">https://youtu.be/i5qC-Ncn6rg?si=Hy1pG8nxRmx3EWDI</a>. Eles devem formar grupos de cinco para ler o poema e discuti-lo com seus grupos. Após a leitura, os alunos devem compartilhar sua interpretação sobre o tema do poema, seguida de uma breve explicação do professor sobre o movimento <i>Harlem Renaissance</i>;</p> <p>8. <b>(8 min)</b>: Neste momento, o professor pode explicar aos alunos que a língua serve não somente como meio de comunicação, mas também para reivindicar e resistir a estereótipos e exclusões, destacando que a língua é um instrumento de resistência, recapitulando o que foi discutido no poema trabalhado.</p>
<b>AULA 2 (50min)</b>	
	<p>5. <b>(12 min)</b>: A partir das discussões da Aula 1, o professor pode trazer pequenos textos ou poemas escritos na variante AAVE, como o poema "<i>We Real Cool</i>", de Gwendolyn Brooks, por exemplo. O professor pode distribuir o poema em pequenas folhas, juntamente com o áudio fornecido pelo site "<i>Poetry Foundation</i>", enquanto solicita que os alunos</p>

<p><b>Procedimentos:</b></p>	<p>leiam e interpretem o texto, destacando o tema, a mensagem e o tom do poema;</p> <p>6. <b>(15 min):</b> Após esse momento, o professor pode pedir para os alunos listarem gírias e expressões que eles conhecem em português. Eles devem identificar e listar essas palavras em grupo, seguindo a mesma abordagem da primeira aula. Após isso, eles devem compartilhar todas as palavras que listaram com o restante da turma;</p> <p>7. <b>(13 min):</b> Após discutir com os alunos as palavras que eles compartilharam, o professor pode indagá-los sobre produtos e estabelecimentos em inglês que eles possivelmente conhecem, ou não. Ele pode perguntá-los se eles possuem alguma roupa com algo escrito em inglês, se conhecem algum jogo em que eles têm contato com o inglês, entre outros. O professor, então, pode pedir aos alunos para escreverem as palavras que eles conhecem do idioma, desde estampas em roupas aos nomes de estabelecimentos ou redes sociais;</p> <p>8. <b>(10 min):</b> Por fim, o professor pode questioná-los se eles sabem a razão pela qual o inglês está tão presente em nossas práticas cotidianas, fornecendo em seguida uma breve contextualização acerca do poder e uso global que o idioma possui, juntamente com uma breve síntese de tudo que já foi discutido no decorrer das duas aulas. Dessa forma, destacando não haver apenas um tipo de inglês, os expondo, assim, ao termo “<i>Englishes</i>”, comumente associado às inúmeras variantes da língua inglesa pelo mundo.</p>
<p><b>Exercício para casa:</b></p>	<p>O professor pode propor uma atividade de pesquisa onde os alunos explorem variações linguísticas que eles já conhecem ou incentivá-los a buscar novas variações. É esperado que os estudantes tragam materiais autênticos, como músicas, vídeos, diálogos ou outros gêneros que forneçam exemplos dessas variações linguísticas e compartilhem com o restante da turma.</p>
<p><b>Problemas antecipados e suas possíveis soluções:</b></p>	<p>Pelo menos três problemas principais podem surgir:</p> <p>4. Primeiro, se a turma tiver mais de 25 alunos, pode não haver tempo suficiente para cobrir todas as partes da aula adequadamente. Por isso, as discussões e atividades são realizadas em grupos, para que todos os alunos possam participar;</p> <p>5. O segundo problema pode estar relacionado à percepção que os alunos podem ter em relação às demais variantes, por isso se faz necessário que o professor desmistifique essa percepção e forneça exemplos variados sobre essas diversidades linguísticas, os conscientizando sobre a importância das diferenças e a de considerarem todas as formas de expressões linguísticas existentes, desde que sejam inteligíveis, ou seja, compreensíveis;</p> <p>6. O terceiro problema envolve as diferenças nos níveis de inglês dos alunos. Para lidar com isso, o professor pode adotar abordagens diferenciadas e promover atividades</p>

	colaborativas, permitindo que os alunos aprendam uns com os outros e superem as disparidades de nível.
<b>Recursos:</b>	Televisão, vídeos do <i>TikTok</i> e <i>YouTube</i> , quadro, pincel, folha, caderno e lápis.

### REFERÊNCIAS

ALEFF, Teacher. **American x British**. TikTok, 19 set. 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVymVjR/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

ANT, Nick and. **okay but which accent do you prefer?!**. TikTok, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyxyv1/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

BROOKS, Gwendolyn. We Real Cool. **Poetry Foundation**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/poems/28112/we-real-cool>. Acesso em: 06 nov. 2024.

COLLINS, English with. **USA AAVE English**. TikTok, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyq2p7/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

FAMILY, Kumaar. **India vs America Accent Challenge**. YouTube, 23 maio 2023. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/ag5caX7SzHc?si=NkLkokGI0taFjhHQ>. Acesso em: 06 nov. 2024.

FRED, Teacher. **happy black awareness day**. TikTok, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyHHys/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

GREEN, Tommy James. **Your #friendlyneighborhood #accents guy is #back with a quick tour through #theunitedstates !!**. TikTok, 01 maio 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVy5NyE/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

HUGHES, Langston. I, Too. **Poetry Foundation**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/47558/i-too>. Acesso em: 06 nov. 2024.

KIKI6, Teacher. **Black English VS Standard English**. TikTok, 31 out. 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMhVyS4fj/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

MARCO LEARNING. **Langston Hughes - I, Too**. YouTube: 21 fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/i5qC-Ncn6rg?si=5Cp2CzApPHPn9y4o>. Acesso em: 06 nov. 2024.

USA, Singh in. **Indian vs American Pronunciation! Programming World!**. YouTube, 01 jan. 2024. Disponível em: [https://youtube.com/shorts/aw6-YXe\\_-Fc?si=1ANvdFnu\\_hLVKxOV](https://youtube.com/shorts/aw6-YXe_-Fc?si=1ANvdFnu_hLVKxOV). Acesso em: 06 nov. 2024.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).